

*Gente que
Inspira*

LETÍCIA TOLEDO

Projeto gráfico e capa

Veloxer Creative

Revisão

Samanta Ravazzi

Edição e orientação

Daniela Pereira Bochembuzo

Impressão

NC Digital

Garcia, Leticia de Toledo

G2165g

Gente que Inspira / Leticia de Toledo Garcia. -- 2016.
88p : il.

Orientadora: Profa. M.a Daniela P. Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração –
Bauru – SP.

1. Livrorreportagem. 2. Jornalismo Literário. 3. Jornalismo
Humanizado. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

Referências bibliográficas

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a todos os personagens reais que tive a oportunidade conhecer e aqueles que ainda não conheci, mas um dia serão vistos. Ao meu noivo e companheiro de aventuras jornalísticas Daniel Pelicari, meus pais Celso e Edna e irmão Matheus que mesmo que a princípio não queriam que eu me envolvesse com o jornalismo, hoje são tão apaixonados quanto eu e me incentivam a passar por cada dificuldade.

- BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. 200p.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. Umas Repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo, Globo, 2008. 422p.
- LAGE, Nilson. **A reportagem** – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia: série jornalismo a rigor. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2012.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.
- LIMA, Edvaldo. **O Que é Livrorreportagem?** . 1ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria da Comunicação: Ideias, Conceitos e métodos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MCKEE, Robert. **Story, substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita do roteiro**. Curitiba: Arte & letra, 2010.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003. 150p.
- POTTER, Eleanor H.. Pollyana Moça. 33ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. 207 p.
- OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 99p.
- VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. 2ed. São Paulo: Summus, 2003. 162p.

Expediente

Livro desenvolvido para Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) –
Universidade do Sagrado Coração
Professor Orientador: Daniela Pereira Bochembuzo
Bauru, Junho de 2016

Crédito de fotos: Yuri Kufa e Leticia Toledo
Edição: Daniela Bochembuzo
Revisão: Samanta Ravazzi
Arte e Diagramação: Gabriel Vitiver – Veloxer Creative
Impressão: Gráfica NC Digital

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos.
Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da
importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo
por um olhar. Que envolve e afaga. Abraça. Resgata.
Reconhece. Salva. Inclui.”
Eliane Brum

Sumário

Prólogo	8
Introdução	12
Inspiração	13
A Família Acolhedora	18
Quimioterapia da Beleza	30
O Nascimento de uma Estrela	39
Sábua Loucura	47
Um Respiro pela Educação	54
Esquadrão do Bem	61
Outras Inspirações	69
Considerações Sobre Minha Jornada	79
Agradecimentos	83
Expediente	85
Referências Bibliográficas	86

Agradecimentos

A minha professora e orientadora Daniela Bochembuzo por me ensinar a amar o jornalismo, por exigir o meu máximo, por editar e me acompanhar durante o processo deste livro com tanta dedicação.

A minha coordenadora Mayra Ferreira que me conhece desde os 17 anos, e desde que a conheci, sempre foi um exemplo de jornalista para mim.

Ao meu noivo Daniel Henrique de Oliveira Peliçari por mergulhar comigo neste projeto, por escrever, fazer correções, compartilhar histórias e vivenciá-las. Por me inspirar e me motivar a concluir este projeto.

Aos personagens que tive a honra de conhecer, de ouvir, de sentir. Vocês fizeram eu acreditar em um mundo melhor. Obrigada!

Agradecimentos

Agradeço

A Deus pelo dom da vida e pelas inúmeras surpresas que ele me fez vivenciar.

Aos meus pais Celso Jorge Garcia Junior e minha mãe Edna Mendes de Toledo Garcia por me ajudarem a concluir meus objetivos e sempre puxarem minha orelha, com muito amor, é claro.

Aos meus amigos que me motivaram a dar o melhor de mim.

A TV TEM afiliada da Rede Globo em Bauru, empresa que estagiei em 2015, onde aprendi sobre o jornalismo e como humanizá-lo, além de conseguir ajudar algumas pessoas por meio deste veículo de comunicação.

Aos técnicos de laboratório de rádio e TV Yuri Kufa, Junior Grigoletti, Alex Silva e Leandro Zacarin por todo suporte durante a graduação.

Ao Yuri Kufa por ter topado fotografar, filmar, editar e me acompanhar durante todas as entrevistas.

Ao Gabriel Vitiver Novaes por diagramar com tanto esmero este livro e deixá-lo ainda mais inspirador.

A Samanta Ravazzi por revisar este livro com tanto cuidado.

Prólogo

A ideia deste livro surgiu em 2014, em um período em que a linha do tempo das redes sociais se enchia de compartilhamento de histórias de pessoas que tiveram seu dia mudado após um ato de bondade realizado por um desconhecido.

Alguns desafios, como o Ice Bucket Challenge (Desafio do Balde de Gelo) e Stop the beauty madness (Desafio sem maquiagem), e até mesmo vídeos e fotos de pessoas se sensibilizando pela causa de alguém eram recorrentes e comoviam cada vez mais internautas interessados em ajudar o próximo de alguma forma.

O desafio do balde de gelo, por exemplo, lançado em agosto de 2014, arrecadou mais de 100 milhões de dólares para a associação que luta contra a esclerose lateral amiotrófica (ELA), além de promover a visibilidade da doença.

Diversas celebridades, como Neymar, Shakira, Lady Gaga, e até políticos, como o ex- presidente George W. Bush, aceitaram o desafio, que consistia em gravar um vídeo tomando um banho de água gelada, para sentir o que um paciente com ELA sente todo o tempo, quando seus músculos se contraem, e doar uma quantia em dinheiro para a Associação ALS.

Algumas páginas no Facebook, como Echo the love e Humans of New York, também promovem de forma criativa pequenas ações locais para sensibilizar seu público.

Em uma ação na cidade de Bauru, no estado de São Paulo, a equipe da página Echo The Love tentou ajudar o senhor Eurípedes, cuja filha tinha um grave problema de saúde e teve a verba de seu tratamento cortada pelo governo.

Da comoção geral em torno do assunto, surgiu a iniciativa de montar um vídeo contando essa história e disponibilizar a conta do banco da família para quem quisesse contribuir.

Como os sites, outros produtos midiáticos trazem uma alternativa a

tantos conteúdos negativos, como é o caso da revista Vida Simples. Veiculada mensalmente pela Editora Abril, a publicação promove um estilo de vida alternativo fugindo do 'mais do mesmo' com enfoque na alimentação, respeito ao meio ambiente e a reflexão espiritual, com o objetivo de trazer informações relevantes para o leitor que está em busca de uma rotina baseada em pautas que tratam do bem viver contemporâneo e se liga mais à novidade e prestação de serviço do que à atualidade.

Além de envolver nesse contexto de notícias positivas e mobilizadoras, este livro tem como referência a obra Pollyana Moça. Ao ler a história da jovem Pollyana, que consegue "curar" um sanatório e em seguida um cidade inteira com seu jogo do contente, a seguinte reflexão vem à tona: seria possível aplicar o jogo do contente de Pollyana na vida real?

Avalia-se que contar histórias de pessoas que sejam capazes de "inspirar", por meio de um livrorreportagem, permite aos leitores se emocionarem com os relatos. Outra hipótese é que a busca por uma pauta positiva vem ao encontro do que muito acredita ter se perdido: a fé na humanidade.

Conhecer pessoas e perceber o que as faz continuar acreditando na vida, nas pessoas e no futuro é a principal intenção deste livro. Acrescenta-se o objetivo específico de resgatar a fé e esperança em um mundo marcado por visões negativas e de violência.

Isto não é uma tarefa fácil, pois o jornalismo não é algo estático. Os seus processos possuem a característica de serem vibrantes e pulsantes. Como resultado, ao longo do tempo, o exercício jornalístico tem acompanhado as mudanças e modernizações em que a sociedade, como um todo, está sujeita a passar.

Exemplo disso é que o maior acesso da população à informação, de maneira geral, tem levado uma vertente do jornalismo a adotar postura bastante pautada na humanização. Nesse caso, a função da mídia não é a de apenas de informar e relatar um fato por si só, mas de transmitir na notícia mensagens com pontos a serem discutidos e analisados socialmente.

objetivo inicial de despertar no leitor a vontade de enxergar a vida com os olhos de Pollyana, mas parece ter ido além.

Não sei qual será a reação dos meus leitores, mas eu, enquanto leitora e autora deste livro, somente consigo sentir gratidão. Gratidão por concluí-lo, pelas histórias que vivenciei e pelas pessoas que conheci.

Leticia

A família acolhedora, Valter e Marta, me mostraram o sentido literal da frase: “coração de mãe sempre cabe mais um”. Compreendi que o amor verdadeiro de pais pode transformar e devolver sonhos a filhos de qualquer idade.

Já Mariana e seus pais se tornaram exemplos reais da importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos e como isso pode refletir de forma positiva sobre a presença familiar na vida da criança.

Flávia Flores causou um impacto em Bauru, quando trouxe a ideia da quimioterapia da beleza, e exemplificou como é fácil trazer um pouco de cor e vida quando se descobre uma doença tão temida.

Ágata transformou a dor de sua família em amor, gerando uma corrente do bem, envolvida por desconhecidos que se juntaram para ajudá-la.

Com o grupo Wise Madness, descobri que um pouco de loucura pode ajudar a tomar decisões sábias, envoltas em arte e esporte e o desejo sincero de auxiliar.

Inês Faneco e sua turma do Esquadrão do Bem me ensinaram que um gesto de carinho e amor pelo outro pode fazer toda diferença. Me senti um ser humano egoísta ao ver tanto desprendimento nesse grupo.

Dona Eunice e Seu Abelardo trouxeram a leveza que ações pequenas e despretensiosas, diminutas, podem se tornar grandes ao serem enxergadas.

A partir do processo de criação e estudo para compor este livrorreportagem, compreendi a dificuldade de contar histórias bem contadas. Foi um trabalho árduo, que exigiu de mim como narradora vestir-me de carne e osso para me tornar também uma autora, a fim de enxergar e transparecer o outro, sentir a dor que o outro sente.

Mais do que contar histórias foi possível perceber a importância de utilizar técnicas de jornalismo literário para escrever textos de forma mais profunda, ampla e detalhista, com uma postura ética e humanizada.

No momento em que redijo essas considerações, há dois meses do meu casamento e aqui concluindo este livro, pude perceber que a obra não atingiu o

Martino (2012) explica que a seleção de notícias feita pelos jornais é responsável por definir o que as pessoas saberão a respeito da realidade. Daí o entendimento de que, em meio a contexto envolto por questões como guerras e outros colapsos sociais, é necessário agendar notícias e pautas com conteúdo positivo para equilibrar o noticiário, a fim de evitar a falsa ideia de um cenário totalizante.

Por ser um profissional diversificado, o jornalista pode ser visto como um agente de prestação de serviço, produzindo matérias e investigações que podem ajudar as autoridades, direta e/ou indiretamente.

Isso se dá, ainda de acordo com Martino (2012), a partir de uma série praticamente infinita de seleções e escolhas efetuadas pelos profissionais. O jornalista tem uma importante decisão no processo de narração do fato: a forma conduz os acontecimentos é o que irá se transformar em notícia.

Contudo, a base do jornalismo, que tem como objetivo principal a informação, não pode mudar, ou seja, deve permanecer na apuração e produção de um relato que percorra a maior distância possível, acessado pelo maior número de pessoas. Nesse processo, notícias de impacto nacional e internacional tendem a ser propagadas muito mais rápidas e serem muito mais consumidas.

Para Lage (2009), os meios eletrônicos são, atualmente, os principais transmissores de notícias para as grandes coletividades humanas. No entanto, veículos impressos registraram aquilo que seria denominado uma narrativa diferenciada sobre histórias reais, o *new journalism*, o que Lima (1993) sintetiza como o jornalismo literário, mescla entre jornalismo e literatura que proporciona relatos estendidos sobre os mais variados assuntos.

Um dos produtos derivados do jornalismo literário é o livrorreportagem, impresso não periódico cuja linguagem e procedimentos de produção são nitidamente jornalísticos. Liberto da periodicidade e atualidade, esse suporte acaba por oferecer ao autor uma variedade de liberdades operacionais, desde a escolha do tema até o estilo narrativo a ser adotado.

Para Lima (1993), o *livrorreportagem* é um produto cultural contemporâneo que amplia o trabalho da imprensa cotidiana e penetra em campos desprezados por veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade.

As etapas de produção de um *livrorreportagem* são as mesmas necessárias à criação de uma grande reportagem convencional: pauta, captação, redação e edição. Em outras palavras, o jornalista deve encontrar um tema atrativo, relevante e extenso que justifique sua publicação e, em seguida, elaborar um projeto, incluindo custos e planejamento gráfico.

Por ter uma abordagem mais pessoal e íntima, esse produto, associado ao jornalismo de cunho humanístico e social, cativa o público em ir a fundo ao assunto abordado, permitindo criar maior interesse a respeito da mensagem proposta.

Ao se escolher esse tipo de propagação de mensagem, é inevitável que o número de receptores seja inferior a de um conteúdo jornalístico veiculado em um meio massivo. Por outro, a escolha pelo *livrorreportagem* permite tratar de informações mais específicas e pessoais, ao passo que favorece ao jornalista maior liberdade e capacidade de expressar suas opiniões, além de fazer com que o leitor compartilhe os sentimentos expressados pelo autor.

Dessa forma, com o *livrorreportagem*, o leitor não fica limitado aos fatos isolados do cotidiano gerados pelas notícias dos outros veículos jornalísticos, mas expande seu olhar e tem a possibilidade de ampliar a compreensão sobre a contemporaneidade, como coloca Lima (2004).

Isso é possível porque o objetivo desse suporte é transpassar a realidade em algumas situações, trazendo uma perspectiva ao leitor sobre uma dada situação como um todo, específica e interna, por meio de fatos que só quem vivenciou poderia relatar.

Com a intenção de trazer uma pauta positiva ao mundo, pretende-se com este *livrorreportagem* sensibilizar os leitores a ações solidárias, de forma a inspirá-los a dar continuidade a esse ciclo da bondade iniciado por heróis anônimos.

o tempo, fomos entendendo que, apesar de não ter cura para os médicos, a miastenia era capaz de ser controlada com ajuda de medicamentos.

Fiquei destruída, não conseguia entender como algo tão ruim poderia acontecer com alguém tão bom como ele e no auge de seus 22 anos. Era compreensível que ele ficasse desmotivado e triste, mas não foi isso que aconteceu. Daniel transformou a fraqueza em força e soube olhar o lado positivo da situação, assim como Pollyana.

Em meio à turbulência ficamos noivos. Não deixaríamos uma doença ficar entre o nosso grande amor, mas ela insistia em se manifestar. No mesmo mês do nosso noivado, em maio de 2015, descobrimos que ele estava com um tumor no timo³, provável causador do problema.

Uma cirurgia similar à intervenção cardíaca seria necessária para a retirada do tumor, o que me dá calafrios. No dia 10 de agosto daquele ano, descobrimos que olhar o lado bom das coisas ruins pode realmente funcionar e fomos surpreendidos. No instante de sua ida ao centro cirúrgico, o médico o informou que seu tumor havia diminuído 3 centímetros e que a cirurgia seria por vídeo (muito mais simples). Ufa! Que alívio.

Em cinco anos de relacionamento, Daniel e eu passamos por muita coisa, mas essa foi a maior luta que vivenciamos. Ele já era motivo de orgulho pra mim e após o episódio se tornou minha maior fonte de inspiração, mostrando-me como meus problemas eram pequenos. Sua história me encorajou a escrever este livro, com palavras doces e amorosas.

Passado esse episódio difícil, porém vitorioso, chegou o momento de colocar a mão na massa e entrevistar meus personagens. Depois de conhecê-los e entrevistá-los como em um diálogo, como ensina Cremilda Medina, posso dizer que aprendi muito com todos.

3 Glândula situada no tórax, atrás do osso esterno e faz parte do sistema imunológico. É onde a maturação de um tipo de célula de defesa, o linfócito T, essencial para a resposta imunológica do organismo.

Considerações sobre minha jornada

No dia 08 de março de 2007, fui presenteada por minha tia Soninha com o livro Pollyana Moça. Na época, aos 14 anos de idade, preferia passar meu tempo livre lendo revistas de moda e não dei muita bola para o presente.

Sete anos depois me reencontrei com Pollyana. Era o ano de 2014 e estava à procura de um tema para o projeto de pesquisa que futuramente seria o meu trabalho de conclusão de curso. O livro estava guardado em um armário junto com outros tantos que não tinha lido. Senti que aquele era o momento de conhecê-la.

Pollyana Moça se tornou minha melhor amiga. Ao ler a história da jovem que consegue “curar” um sanatório e em seguida uma cidade inteira com seu “jogo do contente” fiquei completamente entusiasmada. Aquele era o ponto de partida para idealizar o projeto.

Comecei a refletir se seria possível encontrar pessoas como Pollyana na vida real, pessoas que enxergassem o lado positivo das situações, capazes de “inspirar” outros, assim como a história dela me inspirou.

Apesar de entusiasmada, a ideia de escrever um livro me apavorou, pois, de todas as áreas do jornalismo conhecidas durante a graduação, o impresso era a que tinha mais dificuldade. Refleti e decidir transformar o medo em desafio e, agora, está cumprido!

Na caminhada por sua concretização, no início de 2015, iniciei minha busca por personagens que se poderiam se encaixar na obra. Com olhar mais humanizado e sensibilizado, passei a observar tudo e todos ao meu redor, mas uma notícia em abril daquele mesmo ano quase me fez desistir de tudo.

Na época, meu namorado, Daniel, foi diagnosticado com uma doença autoimune denominada miastenia gravis, cuja principal manifestação era a fraqueza muscular. Como era pouco conhecida, ficamos desesperados. Com

Introdução

Escrever de uma forma que realmente inspire as pessoas, este é o grande desafio deste livro.

Além de contar história sobre pessoas comuns em situações do dia a dia, este livro procura encontrar personagens comuns, invisíveis, mas que com pequenos gestos de amor e carinho são os heróis na vida de alguém.

Essa busca se dá em torno da questão: quem são as pessoas que, por de trás de um simples ato ou ações de bondade, mudam uma vida, tocam o outro e promovem o acolhimento de famílias?

Nessa trajetória, esta repórter iniciante se deparou com oito incríveis histórias de bondade e graça e um amor contagiante, que são relatadas de forma jornalística nas páginas a seguir.

Convido você a tirar um minuto do seu tempo para embarcar nessas histórias reais, aparentemente improváveis, e mergulhar na mistura de sentimentos dessa gente inspiradora.

Leticia

Inspiração. Algo que busquei diariamente para escrever este livro - e muitas vezes ela não vinha. Tocar o coração dos leitores por meio de histórias de pessoas comuns: este é meu principal objetivo. Para mim, isto é Inspiração. É uma injeção de ânimo que surge quando menos se espera, às vezes nas palavras que saem da boca de alguém, na letra de uma música e, no meu caso, quando ouço uma boa história que reflita o amor.

É algo que estimula a capacidade criativa, um entusiasmo criador. O dicionário Houaiss, de onde tirei essa definição, também classifica Inspiração como um sopro divino, que teria guiado os autores da Bíblia.

A psicologia trata a inspiração como um sentimento, que pode ser consciente ou subconsciente. Por essa razão, há várias formas de busca-la. A psicóloga Claudia Regina Dias Chaves, a quem entrevistei para este livro, afirma que um texto, um modelo de pessoa ou até mesmo a religião podem inspirar alguém em um dado momento da vida.

O ideal, diz ela, é que desde criança possamos ter uma referência, um exemplo a seguir. Os pais, uma pessoa em quem você acredita, de quem tem orgulho, vontade de ser um pouquinho parecido àquela pessoa. Inspiração, portanto, é, antes de mais nada, sentimento. É felicidade e bem estar.

Quando estamos inspirados, a consequência é a superação.

Karen Amaral do Nascimento Oliveira, é um exemplo disso. Como pedagoga, ela ajuda diversas crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social a superarem dificuldades. Como consequência da profissão, apontar o caminho, impulsionar e inspirar acabaram se tornando sua Missão.

Ela acredita que por meio da inspiração é possível disseminar a paixão no fazer, no compartilhar e nas conquistas das transformações almejadas. O que a inspira? Sua família, Deus e tentar fazer a diferença na vida dos poucos que

e com respeito é uma delícia, o que faz mal são os exageros.

Agora está velhinho, anda com dificuldade, acompanhado de sua bengala, mas olha toda sua trajetória e agradece a Deus sempre sorrindo.

Há 13 anos se mudou para o Condomínio Flamboyants, próximo à Avenida Nações Unidas, e boa parte do tempo fica fuçando trabalho. Por conta disso, por vezes, machuca as mãos e os braços, mas mesmo assim veste sua roupa de trabalho, pega a enxada e sai carpindo por aí.

Por meio do trabalho de Abelardo, caminhos do jardim, corredores e espaços comunitários ficam mais bonitos. Por conta disso, é exemplo e inspiração de homem trabalhador, que faz pouco, mas contribui muito. É um trabalho braçal feito todos os dias com muito amor, sem esperar nada em troca.

saudade e uma valiosa herança, que é um filho e mais três filhas. O casamento com Dirce foi maravilhoso, não brigavam e se davam muito bem. Quando vieram para Bauru, ela o ajudou a construir a casa onde viveram, na Vila Quaggio. Ficaram 23 anos casados.

Aberlado trabalhava na estação de tratamento de água e esgoto de Bauru, fazendo dois turnos, um dia das 18h às 6h e o outro das 6h às 18h. Sua função era de operador de estação de tratamento de água.

Todos os dias, Dirce o acompanhava até a frente de casa para lhe entregar sua marmita e despedir-se com um beijo na testa. Na tarde do dia 12 de fevereiro de 1985, não foi diferente, mas aquela despedida carinhosa seria para sempre.

Após seu Abelardo sair, Dirce caminhava com uma tesoura para o jardim de sua casa, onde ia cortar um botão de uma flor, para enfeitar a casa, como sempre fazia. A filha mais nova a acompanhava e percebeu que ela começou a ficar estranha. Era um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

No trabalho, Abelardo recebeu a ligação de um vizinho a respeito de Dirce. O colega perguntou se ele poderia retornar para casa, era 18h45, mas não havia como, pois havia acabado de iniciar a jornada. Depois, em nova ligação, a solicitação para que voltasse, pois a esposa estava sendo internada no hospital. Dois dias depois, em 14 de fevereiro, Dirce partiu, deixando Abelardo perdido e com seus quatro filhos.

Desolado, Abelardo começou a retomar a vida. Tentou aprender a cozinhar, se esforçava para cuidar da casa. Seus filhos já eram todos crescidos, a caçula estava para completar 15 anos e ganhou uma festa surpresa de seus vizinhos.

Passado o tempo de luto, aproximadamente seis anos, Abelardo, quase com 60 anos, decidiu dar nova chance ao amor. Começou a frequentar bailinhos e, como ele mesmo diz, teve mais namoradas em sua velhice do que em sua juventude. Namoros sérios foram quatro. Segundo ele, namorar de forma saudável

passam pela sua vida. Karen se fortalece no sonho de fazer do mundo um lugar melhor.

Ana Lúcia Dias Ribeiro dos Santos, empresária e proprietária de uma distribuidora de bebidas e alimentos em Bauru, no estado de São Paulo, enxerga a relação de amor entre ela e o marido - e sócio - como a sua maior inspiração. Em sua visão, inspiração é movimentar um sentimento incessante de gerar uma construção colaborativa de amor, cuidado e respeito. É colocar amor no que se faz, por quem se faz e, principalmente, no motivo pelo que se faz.

O que essas falas têm em comum? A comprovação de que há receitas de inspiração motivadas a partir de um mesmo combustível: o amor.

Envolver-se com essas fórmulas não é algo fácil. A psicóloga Claudia Regina Dias Chaves conta que não tem como alguém acordar e dizer: "Hoje vou me inspirar". Esta busca não é objetiva. Somado a isso, atualmente nem todos os pais desempenham o papel de exemplos e a sociedade também parece estar carente de heróis. Como resultado, alguns jovens acabam por se inspirar no poder, no consumismo e em modelos errados.

A professora Gislaïne Gobbo defende uma teoria que reforça a importância da inspiração, principalmente para os jovens. A teoria histórico cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov, explica que a inspiração só atinge o sujeito quando o cativa, para isso é necessário criar motivo no outro, gerar energia e comprometimento, a vontade deve ser despertada e direcionada, segundo ela, não é algo mágico, é intencional e nós desenvolvemos.

Desta forma, um dos objetivos deste livro-reportagem é convidar os leitores a refletir sobre como enfrentar os problemas e descobrir o que os inspira a partir de uma visão humanizada sobre o mundo. A intenção é motivar as pessoas a viver o amor com um ecoar sem fim, repassando-o em forma da gratidão, boas ações, perdão e pensamentos positivos.

As motivações, espera-se, virão dos retratos de luta e superação que compõem as histórias deste livro, nascido do meu desejo em encontrar

personagens que reflitam amor e esperança. São relatos sobre a Graça, definida como um favor não merecido, aquilo que transforma vidas quando as pessoas têm compaixão e ajudam umas às outras.

Para traçar um perfil humano, a fim de mergulhar no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida, me guiei pela entrevista classificada como Perfil Humanizado, defendida pela pesquisadora Cremilda Medina.

Este tipo de entrevista vai além da pergunta e resposta, pois busca criar uma interação social entre o jornalista e o entrevistado. Nesse processo, observa-se o gesto, o olhar, a atitude corporal, para sentir quem essa pessoa realmente é. É sensibilizar-se com o outro e, depois do texto pronto, repassar essa percepção ao leitor.

Tentando atingir o diálogo possível, proposto por Cremilda Medina, a metodologia de entrevista consistiu em destacar a personalidade, revelar comportamentos, valores, para resgatar a energia do ser humano tomado como fonte de informação para a entrevista. Para traduzir o sonho dos perfis humanos retratados, tentei manter a atmosfera narrativa nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, no ritmo de cada pessoa.

O método de apuração também acompanha as sugestões da jornalista Thaís Oyama, que recomenda realizar as entrevistas no ambiente do entrevistado, para deixá-los mais confiantes, à vontade, conhecer melhor suas características e itens que revelem sua personalidade. Assim o fiz com os oito entrevistados.

De forma semelhante, percebi a necessidade de descrevê-los minuciosamente, de construir os fatos narrando cena a cena e, acima de tudo, de escrever de forma clara para que o leitor consiga compreender a ligação entre os oito personagens.

E para que os personagens pudessem ser inseridos no livro, utilizei três critérios de seleção: 1) Ele ajudou uma pessoa e mudou a vida dela; 2) Ele foi ajudado por alguém e teve sua vida mudada; 3) Alguma ação grandiosa capaz de

Nasceu pobre, descalço, pisou na terra e, fazendo o uso da enxada, fez muitos calos nas mãos. Caçou de estilingue, matava os bichinhos na pedrada, histórias de que se arrepende e deixou para trás, pois acha bonito demais ouvir os passarinhos na madrugada. Viu os cafezais em flor, branquinhos, cheirosos, balançando com o vento. Eram iguais à moça bonita, prontinha para o casamento.

Filho de pais italianos e caçula de 11 filhos, Abelardo Martinelli nasceu no dia 25 de fevereiro de 1933, em Cabrália Paulista, onde passou sua infância na propriedade agrícola, trabalhando, comendo fruta direto do pé e fazendo bola de meia.

Seu avô paterno se chamava Luiggi Martinelli e se tornou Luiz ao chegar no Brasil. Sua avó era Brígida Botura. Os dois vieram para o Brasil entusiasmados com a cultura do café. Tinham ouvido falar que aqui se ganhava muito dinheiro. O mesmo motivo trouxe para cá seus avós maternos, Bortolo Chamelo e Antônia Ramon.

Seu pai, Giovanni, passou a ser João. Trabalhou em uma fazenda de um senhor alemão em uma cidade perto de Olímpia, onde o desbravamento das matas estava parado e a construção de propriedades cafeeiras era um negócio forte. O alemão montou um engenho de moer cana para fazer açúcar e não existiam veículos motorizados naquela época. João conheceu Tereza e tiveram 11 filhos.

Abelardo, um dos filhos do casal, foi crescendo, ficou moço e cheio de vaidade. Gostava de andar bonito e paquerava as moças da cidade. Sua preocupação com a beleza está presente até hoje, aos 82 anos. Anda sempre arrumado com uma camisa xadrez e tingia os cabelos brancos com um tom mais loiro.

Conheceu a esposa ainda rapaz. Com os olhos e cabelos castanhos, ela era alta, magra, cabelos compridos e bem pretos. O nome dela era Dirce. Muito galanteador, Abelardo demorou para sossegar, viu seus amigos se casando e só após dois anos de namoro, aos 27 anos de idade, decidiu se casar.

Hoje sua esposa não está mais aqui. Em seu lugar ficou a tristeza e a

mudar a vida de muitas pessoas.

A produção deste livrorreportagem está norteadada por dois critérios notícias: O inesperado. A pauta positiva apesar de sempre existir sempre é novidade, pois comove os seus leitores e a personalização será outro critério utilizado para despertar o “interesse humanizado” de seus leitores.

Seguindo o princípio de que a pauta positiva ganha grande visibilidade quando veiculada por fugir do cotidiano, acredita-se que o livrorreportagem encaixa-se com o terceiro motivo pelo qual as pessoas lêem: pois refere-se às particularidades pessoais de cada leitor, que o contato com o problema de outra ordem, ainda que próximos, auxilia a deixar de lado, pois ele satisfaz suas necessidades e se identifica com a projeção diante de uma história bem contada. Edvaldo Pereira Lima, em seu livro Páginas Ampliadas classifica os livrorreportagens em 13 tipos, sendo que o Perfil foi o formato escolhido para descrever as histórias pois esse gênero busca traçar um retrato detalhado dos personagens

O livrorreportagem: Gente que Inspira será classificado como um livrorreportagem-perfil, pois seguindo o conceito de LIMA (2004), ele irá evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou anônima, que por algum motivo, torna-se de interesse.

Para as entrevistas o propósito era o mesmo a mesma pergunta seria feita para todos: O que te inspira a fazer esta boa ação? E a partir de cada resposta e da peculiaridade de cada caso a construção do restante da entrevista foi feita. Para o encontro com os entrevistados julgou-se necessário que as entrevistas absorvessem características da personalidade de cada um deles, de forma minuciosa, conversando sobre o dia do nascimento, descrevendo-os fisicamente, seus sonhos e motivações.

Outro recurso importante do livro escolhido pela autora, foi o de iniciar cada capítulo relatando como o personagem foi parar no livro e sua importância na história.

Desta forma acredita-se que abordar temas superação de um câncer,

ajuda ao próximo, adoção, caridade e boas iniciativas serão bem aceitos pelo público e estarão dentro da dimensão dinâmica que é o agendamento da notícia.

A produção deste livrorreportagem está norteadada por dois critérios notícias: O inesperado. A pauta positiva apesar de sempre existir sempre é novidade, pois comove os seus leitores e a personalização será outro critério utilizado para despertar o “interesse humanizado” de seus leitores.

Seguindo a premissa de que a pauta positiva ganha grande visibilidade quando veiculada por fugir do cotidiano, acredita-se que o livrorreportagem encaixa-se com o terceiro motivo pelo qual as pessoas lêem: pois refere-se às particularidades pessoais de cada leitor, que o contato com o problema de outra ordem, ainda que próximos, auxilia a deixar de lado, pois ele satisfaz suas necessidades e se identifica com a projeção diante de uma história bem contada.

Os personagens foram encontrados ou simplesmente surgiram, para a realização das entrevistas, onde o primeiro contato foi feito algumas vezes por telefone, em outros casos pessoalmente e também pelas redes sociais.

O livrorreportagem Gente que Inspira, inicialmente tem finalidade acadêmica, e em sequência será apresentado ao público digital. A produção consiste em trazer uma pauta positiva e sensibilizar seus leitores de forma que os inspire a dar continuidade a esse ciclo da bondade.

Percebeu-se que nas redes sociais diversas páginas são criadas propondo uma válvula de escape para as notícias dos noticiários, a página no Facebook “somente notícias boas” por exemplo, já tem mais de dois mil membros que compartilham notícias construtivas de cunho social como uma alternativa as notícias negativas dos jornais.

Pretende-se dar continuidade a este livro no próximo, encontrando mais histórias e pessoas que sejam capazes de “inspirar”. Espera-se que este trabalho ultrapasse os muros da faculdade e tenha caráter social.

destinadas a lugares como Piauí, Bahia, Minas, Paraná, outros tantos diversos lugares do Brasil e até mesmo para além de nossas fronteiras, como Bolívia e Paraguai.

A sala de costura é seu lugar favorito da casa, é onde guarda os retalhos, as linhas e elásticos que compra com seu próprio dinheiro, uma vez que Nice não pede ajuda financeira de ninguém. Lá também ficam todas as máquinas que adquiriu com muito suor.

O esforço tem valido a pena. Nice conseguiu realizar o sonho de ser professora e hoje ensina muitos outros a costurar. Muitos alunos costuram para ganhar o sustento, o que alegra seu coração.

Nice contou que sua felicidade maior é servir a Deus e às pessoas, por isso não pensa em parar na costura. A isso acrescenta mais um sonho, o de cursar enfermagem, para que possa ajudar ainda mais a quem for necessário.

Para ela, aposentadoria nunca foi sinônimo de descanso e, sim, de começar uma nova etapa. Trabalhando muito e no que a faz feliz, Nice vê seu tempo precioso passando rápido como contribuições de amor ao próximo.

Braços que capinam com bondade

A velhice é um estado de espírito. Esta frase cada vez mais se torna real quando se conhece pessoas tão incríveis que, mesmo na ‘melhor idade’, se doam para os que estão à sua volta.

Faço tal afirmativa baseando-me em um senhor de cabelo branquinho e muita dificuldade para andar, presente frequentemente nos arredores do condomínio em que morava.

Sempre com a enxada na mão ou uma vassoura e uma pá, procurava serviço que não lhe cabia. Não importava a hora, de manhã ou no final da tarde, lá estava ele, com seu chapéu e muitas histórias para contar.



A família acolhedora

O que significa acolher? A palavra está carregada de generosidade: oferecer, de bom grado, um abraço, um prato de comida, um abrigo...

E se essa palavra fosse uma família, não um substantivo, outra que, além do significado comum, oferecesse a intimidade de sua própria casa e o amor mais puro, o mesmo que destina aos seus filhos?

A família Souza Leite seria a resposta a essa questão e hoje faz parte deste livro devido a uma história impressionante de amor ao próximo.

Entre 2012 e 2016, esta família acolheu 15 crianças, por meio do Projeto Família Acolhedora, cujo objetivo é servir de lar provisório para aqueles pequenos em situação de risco até a resolução da situação judicial.

Para entender essa entrega é preciso voltar no tempo.

O casal Souza Leite – Valter e Marta – pais de duas filhas e avós de um netinho, tinha o sonho de compartilhar todo o amor que não cabia dentro deles com alguém que sentisse falta desse sentimento.

Então, depois de juntar a quantia necessária, fizeram as malas e seguiram viagem para o continente africano, com o intuito de ajudar crianças que necessitavam de carinho e cuidados - era o ano de 2011 quando embarcaram nesta aventura.

Eles acreditavam que a sua missão seria a de cooperar para a diminuição dos maus-tratos contra crianças pelo mundo inteiro. O que não imaginavam é que seria em Bauru, cidade onde vivem, no interior de São Paulo, que atuariam como missionários, levados a acolher e abrigar crianças das mais diversas idades.

O casal também não supunha que, entre essas crianças, se deparariam com uma mãe “desconhecida”, que precisava muito do amparo e das mãos amigas deles. Eu já conhecia a família e entendi que essa história precisava ser contada.

novamente? E Deus disse que sim.

José, seu esposo, batalhou muito para conquistar o coração dessa mulher. Ela diz que jamais viu a doçura nos olhos de outra pessoa como ele viu nos olhos de Eunice. Como era de se esperar, o amor mais uma vez falou alto e, com o apoio de toda sua família, eles se casaram, jurando mais uma vez compartilharem o amor.

Cabelos grisalhos e presos envolvidos por um coque, os belos olhos verdes escondidos atrás de um óculos, trajes de uma típica italiana com saia comprida, as mãos de trabalhadora e inquietas, não negam suas raízes.

O jeito de falar muito manso e com ternura são as características mais marcantes de Nice, de cuja boca saem palavras simples e repletas de muita sabedoria.

Ao se casar com José, após passar um período difícil de perda e por estar há tempos doente, ele a levou para morar em um sítio na cidade de Limeira, no interior de São Paulo, onde vivem até hoje.

Os dois sempre ajudavam na igreja e um dia, limpando o local, Nice reparou que havia uma sacola bem grande cheia de retalhos de tecido sem utilidade.

Naquele cesto cheio de retalhos, onde ninguém via servidão alguma, Nice sentiu que estava uma grande oportunidade para cooperar com as obras missionárias. A ideia era fazer peças íntimas para crianças e mulheres usando aquele material.

E aos 53 anos, idade em que muitas pessoas se aposentam e pensam em descansar, ela aprendeu um nova função: a de costureira. Desde então não parou mais nem um dia de trabalhar.

Há 12 anos tecendo com amor, ela faz todas as peças com retalhos, algumas outras são consertadas e todas enviadas para obras missionárias. Ao todo já foram mais de cinquenta e oito mil peças íntimas costuradas e outras tantas, como camisas e calças, consertadas e também enviadas.

Nice conta com muita humildade e entusiasmo que suas peças foram



O ano era 1950 e no dia primeiro de abril, nascia Eunice Peliçari na cidade de Bocaina, às cinco e meia da manhã. Foi a quinta filha de dez, a primeira mulher que seus pais tanto aguardavam.

Sua chegada foi cercada de felicidade, pois finalmente sua mãe, Maria Peliçari, teria uma companheira, alguém que a ajudasse com os afazeres domésticos. E como ajudou. Aos 11 anos, Nice já cuidava de seus irmãos menores, ajudava a mãe a arrumar a casa e a preparar a marmitta dos irmãos que trabalhavam na roça.

Por falta de dinheiro, cresceu tomando leite de cabra e, no intuito de ajudar a família, abandonou a escola no terceiro ano do ensino fundamental, mesmo ainda sem saber ler e escrever.

Quando criança, seu sonho era o de ser professora. Ajudar as pessoas a aprender sempre foi uma de suas paixões. Contudo o projeto teve de ter sido deixado de lado para suprir as necessidades dessa família tão grande.

Nice conta, envergonhada, sobre como conheceu o seu futuro esposo. Em sua mocidade, certo dia, seu pai entrou no bar que frequentava para comprar um cigarro. Por conta da demora, ela foi chama-lo, foi instantâneo, o dono do bar se apaixonou por ela. Ele, um homem de 33 anos, ela, uma menina de apenas 16.

Para tentar conquistar seus pais, o homem, que sabia dos problemas e das dificuldades que a família enfrentava, deu uma das casas que possuía a eles. E assim, com o gesto, conseguiu, e casou-se com a doce e esforçada Eunice.

O casamento durou 34 anos e gerou dois frutos: Valter e Vagner, seus grandes tesouros. A história, no entanto, foi interrompida devido a um câncer. A batalha do marido contra a doença durou cerca de um ano. Como os tratamentos naquela época eram precários, acabaram cumprindo a promessa feita no dia do casamento: ficaram juntos até que a morte os separou.

Viúva aos 49 anos, Nice acreditava que agora seu único objetivo seria ajudar a cuidar dos netos, até que um homem, também viúvo, bem afeiçoado e de mesma fé que ela, cruzou seu caminho. Parecia bom demais para ser verdade. Será que aos 49 anos de idade Eunice teria a oportunidade de amar e ser amada

Era uma noite de segunda-feira quando Valter e Marta me receberam em sua casa. Já os conhecia de vista, mas nunca havia conversado com o casal, muito menos ouvido sobre sua história de vida. Fui recebida com sorrisos, mesmo após um dia cansativo. Durante a entrevista, eles ainda se desdobraram para responder as perguntas e cuidar de um pequenino que estava abrigado em sua casa. Duas horas foi o tempo necessário para concluir o nosso bate-papo e saber que ali era um verdadeiro lar.

Ele, computólogo, 46 anos, cabelo e barba grisalhos, um olhar atento às necessidades alheias e um espírito que visa ajudar às pessoas. Ela, enfermeira, 42 anos, cabelos castanhos na altura dos ombros, a doçura e a rigidez de 10 mães juntas. Ambos são pais da Gabriela de Souza Leite, de 24 anos, e de Giovana de Souza Leite, de 18 anos, e há um ano se tornaram avós de Benjamin.

Em 2011 fizeram uma viagem que era o sonho da família. Mas não queriam passar as férias em um grande parque de diversões fora do país. A ideia era ir para a África, onde sabiam que a presença deles seria mais do que bem vinda, pois tinham muito a oferecer às pessoas daquele continente.

Ao retornarem ao Brasil, depois de 15 dias em solo africano, onde passaram por Moçambique e mais duas cidades da África do Sul, se viram muito impactados com tudo que haviam vivenciado. A vontade de se tornarem missionários ardia mais do que nunca em seus corações. Foi então que Marta recebeu um panfleto sobre um projeto do Governo Federal intitulado “Família Acolhedora”.

Mais do que um projeto social, o casal viu nisto uma oportunidade de vida nova ou também de oferecer um futuro diferente às crianças que vivem em situação de risco na cidade de Bauru.

O Projeto Família Acolhedora tem o objetivo de proporcionar abrigo institucional para crianças, ou seja, ao invés de ficarem em um orfanato, esses pequenos são acolhidos por uma família, em um lar estruturado pelo período máximo de dois anos.

A família acolhedora

A necessidade desse projeto surgiu por ser muito mais saudável para a criança e para o seu desenvolvimento estar em uma família onde seus direitos estão garantidos a ser mantida em uma instituição. Quem me explicou isso foi a coordenadora do projeto em Bauru, Andréia Ferreguti.

Em Bauru, o projeto existe desde 2011 e, desde então, já proporcionou o acolhimento de 140 crianças. Em 2016, a meta é acolher 30 crianças e estão cadastradas 15 famílias acolhedoras.

Para fazer parte do programa, a família precisa, em primeiro lugar, ter a disponibilidade de cuidar dessa criança, independente de trabalho – o acolhedor pode trabalhar, estudar, fazer faculdade e até mesmo ter filhos menores –, a criança entra na rotina da casa. Por exemplo, se é um bebê de aproximadamente 6 a 8 meses, pode e deve ficar em uma creche para essa família poder trabalhar.

Outra característica é que é necessário haver uma diferença de pelo menos 18 anos entre o acolhido e a pessoa responsável pelo acolhimento, para que não haja nenhum impedimento judicial. Quem acolhe também não pode ter interesse em adotar, pois fazer parte do programa significa participar de um processo que tem começo, meio e fim.

Os casos de sucesso do Família Acolhedora são aqueles em que a criança é reinserida ao convívio familiar, conforme me explicou o coordenador da Comissão de Direito de Família, Sucessões e Infância e Juventude da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Olavo Pelegrina. Para ele, a principal motivação para participar do projeto está na consciência social do ser humano de pensar que uma criança pode estar em situação melhor quando no convívio de uma família estruturada.

Outro ponto extremamente presente no programa é o luto, que nos lembra de velório. Olavo define que o luto está baseado no sentido de perda, e que, para perder, é preciso primeiro adquirir. Esta é uma parte importante do projeto, pois é impossível que não se crie uma relação afetiva junto à criança ou ao adolescente acolhido, motivo pelo qual as famílias interessadas em adoção não



Outras inspirações

Eles não mobilizam multidões, quase não são vistos, nem lembrados, mas senti que precisavam estar neste livro quando os enxerguei.

Costuras que tecem amor

Ela coloca a linha na agulha, reunindo os pontos em um fiar da máquina. Passa mais de 8 horas do seu dia costurando para quem não conhece. De fato, ao entrevistar essa senhora tão dedicada, percebi que transmitir o amor é, para ela, tão natural como respirar.

Eunice, mais conhecida como Tia Nice, costura com gestos de carinho e traz qualidade de vida a mais de 400 mulheres e crianças por mês. Com toques de suas mãos e muito empenho, produz roupas íntimas a quem não pode pagar por elas.

podem participar do programa, já que têm uma expectativa de relação perene e não temporária com o acolhido.

E se há algum desvirtuamento do programa, como o estreitamento de vínculos entre acolhido e acolhedor a ponto de a família passar a ter interesse em adoção, como já houve registro de alguns casos? Olavo ressalta que, para ele, as pessoas são mais importantes do que a lei, por isso, é possível que a família tenha a chance de ficar com a criança acolhida.

Explicado o Família Acolhedora, voltemos à família Souza Leite. Valter e Marta passaram a ter consciência das características do programa ao integrar um treinamento em 2012. Em 2016, já haviam passado pela casa deles 15 crianças, entre bebês, recém-nascidos, crianças e adolescentes.

O papel do casal Valter e Marta vai além do de ser "pais". Eles também divulgam o projeto e acabam servindo de inspiração pra outras pessoas, corroborando os dados de que 100% das pessoas interessadas em participar do Família Acolhedora chegam até o projeto ao verem ou conhecerem alguém que dele faz parte, como me explicou a coordenadora do programa em Bauru.

Ser acolhedor e acolhido é uma via de mão dupla: por um lado, a criança deve sair de seu lar, em meio às pessoas conhecidas, e entrar num ambiente totalmente desconhecido por ela, sem saber o que esperar; por outro, a família recebe alguém que muda a sua rotina, com necessidades que vão além do material.

Mas pensando na família Souza Leite, que bela surpresa a dessas crianças ao se depararem com pessoas tão alegres, amorosas e que mantêm os braços estendidos para todos. No momento em que as crianças adentram suas casas não há mais diferença, todas são parte da família.

E elas deixam marcas. Um dos momentos mais difíceis, conta Marta, é quando devem retornar para as próprias casas. Sob o apego e o amor, sentem-se como a perder alguém da família. Segundo o casal, a dor é semelhante a um luto, tal como relatou o advogado Olavo. A saudade e as lembranças são os sentimentos que ficam.

Pedro (nome fictício, para preservar a identidade da criança, de acordo com o ECA¹) foi um dos bebês acolhidos pelo casal. Ele “apareceu” para a família como um desafio, porque, mesmo ainda tão novo, tinha uma história de superação e de esperança admiráveis.

A mãe do menino saiu de casa ainda quando tinha 13 anos de idade, morou nas ruas até que, aos 18 anos, tomou o rumo de prostíbulos. A partir daí muitas lacunas começaram a surgir em sua vida: duas gestações, envolvimento com drogas, o impedimento de ficar com os próprios filhos - um foi enviado para a adoção e o outro o pai levou embora.

Na terceira gestação, a situação de Ana (nome fictício para preservar a identidade da personagem) era bastante complicada. Em pleno século XXI, no município de Bauru, uma cidade interiorana, aparentemente sem muitos tumultos, Ana vivia em cárcere privado em um prostíbulo. Era literalmente uma escrava. Do dinheiro que ganhava, eram descontados os custos de sua estadia no local, alimentação e até as roupas que usava.

Entre uma boate e outra, era tida apenas como uma moeda de troca: vendida, explorada e desamparada. Devido ao uso contínuo de entorpecentes e apesar do acompanhamento médico, algumas complicações surgiram durante a gestação.

O pesadelo de Ana parecia não ter fim. Antes de nascer, Pedro já havia sido vendido pelo cafetão e duas famílias o “disputavam”. O negócio seria simples, nada que já não tivesse feito antes: um homem estaria junto com Ana quando o bebê nascesse e assinaria a certidão afirmando ser o pai; ela abriria mão da guarda, o bebê iria embora com seu suposto pai e seria criado por sua suposta “madrasta”.

Um plano muito bem articulado e que havia tido resultado muitas

Para Maria América, essas são perguntas complicadas de responder. Ela acredita que esse desejo nasce com cada um. Em seu caso, jamais nega um alimento e sempre pergunta ao que lhe pede dinheiro se está com fome. Caso esteja, vai logo à padaria mais próxima e compra um alimento para saciar a fome. Em sua visão, essa é uma forma de fazer para o outro o que gostaria que fizessem para você caso estivesse com a mesma necessidade.

Maria Inês Faneco, como os próprios amigos a definiram e como ela mesma ressalta, está em segundo plano pra ela mesma. No inverno de julho de 2015, na noite mais fria do ano, quando a encontrei pela primeira vez, estava na rua distribuindo comida. Dois dias depois, foi internada no hospital com febre. Segundo ela, se não estivesse na rua nesse dia, ninguém mais estaria e muitos ficariam sem ter o que comer, enquanto outros estariam aquecidos dentro de suas próprias casas.

Ao ouvir esses depoimentos, fica fácil entender porque o Esquadrão do Bem impacta a cidade de Bauru. Transparência das ações, ajuda sem barganha ou troca, tudo registrado por meio de fotos das entregas de doações. Não há lucro ou desvio de nada que fazem. Continuamente convocam os doadores para os acompanharem e verem de perto o quão importante é cada ajuda estendida a quem precisa.

Eu concluo este capítulo citando novamente Eliane Brum, para quem o ser humano é infinitamente mais completo e fascinante que o mais celebrado herói. Concordo com ela quando retomo a trajetória do Esquadrão do Bem, formado por super-humanos, humanos ternos, amorosos e cuidados. Eles agem sob o desejo de mudar o que está à sua volta, pois têm fé nas pessoas. Imaginam, tomam uma decisão e aplicam. Simples assim.

1 A Lei 8.069/90, denominada Estatuto da Criança e Adolescente, determina a proteção integral à criança e ao adolescente de tal forma que não só sua integridade física fique a salvo, mas também sua imagem e identidade.

por maus pedaços, soube transpor diversas barreiras, venceu preconceitos e se multiplica para dividir. É, acima de tudo, uma maluca. Maluca por socorrer a todos que lhe pedem”, afirmou.

Tatiana acrescentou que Faneco usa sua voz para gritar por socorro para os que “não possuem voz” pelo menos umas duas vezes por dia. Para ela, o Esquadrão do Bem, como o próprio nome, diz é um grupamento de pessoas do bem que busca, através de uma corrente de solidariedade, socorrer os mais pobres.

“Fazemos campanha e recolhemos alimentos, roupas, brinquedos para levar às pessoas e comunidades carentes da nossa cidade. E são muitas. Não temos envolvimento político ou religioso. No Esquadrão tem de tudo: de ateu a beatos. O que nos une e move é o desejo de ajudar”, explicou Tatitana, que já conhecia Faneco há muitos anos.

Devido à aproximação que as redes sociais proporcionam, a amizade pode voltar a ativa e crescer novamente. Praticamente toda a divulgação de eventos e pedidos são realizados pela internet. Segundo ela, as redes sociais têm sido uma excelente ferramenta sem custo para o grupo.

Tatiana é uma pessoa comum. Seu envolvimento com causas solidárias começou em casa, pois, mesmo com toda dificuldade que vivia, seus pais sempre davam um jeito de socorrer alguém. Então as ações solidárias começaram de pequena, ao dividir seus brinquedos e suas roupas.

Depois na adolescência, Tatiana passou a se envolver com grupos maiores de combate a fome e miséria no mundo. A década de 70 foi um marco divisor para ela, pois descobriu que tinha formas de ajudar que iam além da sua casa e das suas coisas. Foi a primeira vez que saiu pedindo ajuda de vizinhos.

Sobre ajudar quem não conhece, Tatiana foi incisiva ao responder: “Por que não ajudar? O que impede cada um de nós de doar aquilo que não nos faz falta? O que impede cada um, dar um dia, umas horas, alguns minutos do tempo tentando diminuir a dor da fome e do frio?”, questionou-me.

vezes. Para a sorte de Ana, que queria manter o bebê, o esquema já estava sob investigação da Polícia Civil de Bauru e foi descoberto após a intervenção da casa de prostituição. Ana conseguiu fugir, com o filho Pedro em sua barriga.

Sem rumo, sem dinheiro, sem casa e grávida, tudo o que Ana mais queria era recomeçar, mas, na situação em que se encontrava, quando chegou a hora de Pedro nascer, ele foi encaminhado para o projeto Família Acolhedora. Ana acabou perdendo a guarda do filho, pelo menos provisoriamente, até conseguir cumprir algumas determinações da lei, como ter um lugar para morar com uma estrutura mínima, composta por cama, geladeira, fogão, e estar empregada.

Enquanto Ana tentava se reerguer sozinha, Pedro foi encaminhado para a casa da Marta e Valter, onde permaneceu por nove meses. Ali tudo começou a mudar.

Durante esse tempo, Marta decidiu escrever uma cartinha para Ana, mesmo sem conhecê-la, pois ouvira um pouco sobre sua história e pensou em encontrar uma forma de encorajá-la a não desistir de sua luta contra o vício e voltar a segurar Pedro em seus braços.

Marta escreveu a carta como se fosse Pedro: descreveu a importância do significado do nome dele e disse que sabia que ela estava se esforçando. Na assinatura estava a mãozinha de Pedro desenhada.

Esta carta, encaminhada pela assistente social do programa, fez a diferença na vida de Ana. Era o incentivo de que tanto precisava e a força e a confiança que ela nunca havia recebido. Finalmente ela teria algo pelo que lutar e que valia toda sua dedicação.

E ela realmente lutou. Conseguiu um emprego e começou, aos poucos, a visar uma vida melhor para ela e seu filho. Ana tinha a permissão de visitar Pedro apenas uma vez por semana e o que mais impressionou Valter e Marta foi a força de vontade dela. Seu horário de almoço era bem curto e mesmo assim ela usava esses minutos preciosos para visitar seu pequeno rei. Literalmente, ela corria para vê-lo e logo uma nova perspectiva pôde ser vislumbrada por essa mulher que

tanto sofrera.

Passado o período de nove meses em que Pedro ficou com a família acolhedora, a justiça determinou que ele voltasse para a mãe.

Após esse desligamento, de acordo com Valter, “qualquer notícia sobre o acolhido é muito bem-vinda”, uma vez que o processo de afastamento da criança é muito difícil e nesse projeto não é permitido que a família acolhedora tenha contato com a família biológica. A exceção é se a família biológica quiser manter contato, o que também depende de autorização e supervisão do programa.

No caso de Ana, ela quis conhecer os pais que cuidaram de Pedro por quase um ano. Ela quis saber como era cuidar do menino, quem ele era, como dormia, quantas mamadeiras tomava por dia, do que gostava e isso Valter e Marta tiravam de letra. “Foi como uma passagem de bastão pra ela”, contou-me Valter.

Ana começou a trabalhar em dois empregos e a situação não estava fácil. A carga horária de trabalho era muito acima do normal, com jornadas todos os finais de semana. Todo o dinheiro do salário ia para uma babá cuidar do Pedro, as dificuldades de horário aumentavam e a sombra dos vícios a perturbava. Foi então que ela decidiu pedir ajuda e quis se encontrar novamente com Valter e Marta.

A fim de auxiliar Ana a se reerguer, Valter e Marta se colocaram à disposição para cuidar do Pedro aos finais de semana, para que se evitasse gastos com uma babá. Ana, mais do que prontamente, aceitou a oferta e, então, todos os finais de semana o casal buscava o menino.

Essa mão amiga estendida possibilitou uma aproximação maior entre eles. O perfil desse casal, de olhar para quem precisa, falou mais alto e eis que começaram a pensar em uma forma de ajudá-la ainda mais.

Há alguns anos, Marta havia sido voluntária em uma casa de recuperação de mulheres em Goiânia, que era voltada à reabilitação de pessoas que apresentavam problemas com drogas e prostituição, exatamente o perfil de Ana.

frente, aqueles que iam pessoalmente levar as doações, tem oito pessoas, entre eles Tatiana Virginia Calmon Borges, Maria América Ferreira e Adham. Mas o grupo que realiza as doações é muito grande: a página do Esquadrão do Bem no Facebook agregava mais de mil pessoas no primeiro semestre de 2016.

Conversei com Maria América Ferreira, jornalista, 57 anos, para compreender melhor essa atuação. Ela me contou que desde 2007, após 20 anos trabalhando em um jornal diário, começou a exercer a função de assessora junto com seu marido, o músico Marco Antônio.

Ela já conhecia Faneço devido à sua profissão como jornalista e por meio de um amigo em comum surgiu a aproximação das duas e a ideia de atuar junto ao Esquadrão do Bem.

“O trabalho da Inês Faneço me inspirou pelo fato de que ela não possui nem um vínculo político ou interesses para querer ganhar algo em troca com o que faz. Simplesmente nota uma necessidade e vai ao encontro com o intuito de suprir”, contou Maria América.

Quando pedi para ela me explicar um pouco mais sobre Faneço, ela me surpreende: “Uma figura que tira a própria roupa para dar ao pobre, faz janta na casa dela para morador de rua, doa roupa. Quando não chega nada de doação, se passar alguém pedindo na casa dela, ela vai ao próprio guarda-roupa e entrega o que tiver. É uma pessoa despojada e sem nenhum tipo de preconceitos”, descreveu.

Segundo Maria América, Faneço veio ao mundo para isso, e desempenha muito bem o papel. Realiza campanha contra dengue, pinta o muro de sua casa, não tem condições financeiras, mas faz tudo e mais um pouco pelo outro. Preocupa-se apenas com o necessário para sobreviver e o que sobra ela reparte.

De fato, pude notar que se trata de uma mulher que agrega muita gente. Atrai as pessoas para sair da zona de conforto e ajudar. Incentivadora os outros por meio de o amor e a dedicação com que realiza as coisas. Isto faz toda a diferença.

A assistente de administração Tatiana Virginia Calmon Borges, 53 anos, me responde a mesma pergunta: “A Faneço é uma mulher de fibra e luta. Passou

Na vida de Faneco, no entanto, nem tudo foram flores. Na juventude acabou se envolvendo com drogas e, quando parecia que estava em um beco sem saída, a compaixão de outros a encontrava. Ela ficou um ano no Esquadrão da Vida em Bauru, um centro de reabilitação para adictos. O medo da morte a motivou a abandonar as drogas e assim conseguiu se reerguer.

Logo que saiu da reabilitação, seu instinto em ajudar ficou ainda mais aflorado. Imaginar que as pessoas tinham menos do que ela, que passavam fome, eram situações inaceitáveis, ainda mais porque conhecia essa realidade. Já passou muita fome na vida, segundo ela mesmo relata, pois seu envolvimento com as drogas tornou a vida muito mais difícil.

Dessa forma, então, decidiu ir ao encontro de pessoas necessitadas. Esperar que elas batessem à sua porta pedindo comida já não era mais o suficiente. Ela havia decidido que iria atrás de quem pudesse ajudar.

Ao chegar a uma das comunidades no Jardim Vitória, ficou abismada com a situação que encontrou naquele lugar. Esgoto percorrendo a céu aberto, casas que não ofereciam o mínimo de proteção contra vento e chuva e, o mais preocupante, muitas pessoas passando fome.

Saber que crianças iam a escola por causa da merenda escolar e que esse alimento seria talvez a sua única alimentação ao longo de todo o dia virou seu mundo de ponta-cabeça.

Encorajada a dividir o que tinha e o que não tinha, Faneco passou a realizar eventos em datas comemorativas. As atividades não pararam de crescer e a ajuda não parava de chegar, de tal modo que em 2016 já realizava um trabalho semanal em diversas comunidades de Bauru.

Hoje, o nome Esquadrão do Bem carrega um significado muito além de apenas um mutirão de pessoas dispostas a ajudar. É a ajuda que o governo não oferece, o amparo que a sociedade de modo geral não dá e a esperança do alimento que mina a fome.

O trabalho do Esquadrão envolve diversas pessoas. A equipe de



Marta a convidou para passar um tempo nessa casa de recuperação, pois o diferencial de lá é que mães podiam levar os filhos e ela não precisaria se separar de Pedro novamente.

Em um processo rápido, Ana estava decidida: iria aceitar a ajuda do casal, que se ofereceu a pagar todas as despesas durante o tratamento. Em 12 dias Ana tinha acertado tudo, montado enxoval e até já havia passado por uma entrevista no local. Era hora de ir para Goiânia. E foram seis meses de tratamento lá.

Em locais como esse a presença da família é fundamental para a recuperação completa da pessoa. Como Ana não tinha uma família presente para apoiá-la, Valter e Marta acabaram assumindo esse papel. Além das despesas com a casa de reabilitação, tinham os gastos mensais de viagem até Goiânia, que, por sinal, é bem distante, fica a 720 km de Bauru, cidade onde vivem.

Quando questionados sobre qual seria o estímulo que os levava a fazer tanto por alguém que não conheciam, Valter e Marta disseram que tudo era motivado pelo amor que tinham por Pedro. Realmente, ele havia tomado um lugar de filho na família e por isso queriam que ele fosse para um lar estruturado, que sua mãe pudesse cuidar dele. O amor os levou a ir cada vez mais longe, ignorando as barreiras e as dificuldades postas no caminho.

Foi em Goiânia, na casa de recuperação, que Ana começou a se encontrar como mãe e, acima de tudo, como mulher.

O tratamento começa logo quando as mulheres chegam na casa: são maquiadas, recebidas com um almoço bastante farto, chamado "banquete da fraternidade", no qual são levadas às suas mesas acompanhadas por um violinista.

De uma turma de quatro mulheres, somente Ana foi até o final e conseguiu concluir o tratamento e participar de uma formatura simbólica. Valter e Marta também estiveram nesse momento importante da vida dela, representando seus pais.

No dia da formatura, Ana vestia um lindo vestido branco, como de uma noiva, usava brinco de pérolas, o cabelo preso com um acessório, estava toda

Foi em 2013 que Adham conheceu a pipoqueira Maria Inês Faneco, em frente ao Teatro Municipal da Cidade. Ela vendia pipoca e a irmã mais nova dele apareceu com um pacotinho ganho dela. Passado esse episódio, certo dia Adham juntou diversos brinquedos para doar e procurou por um grupo para que pudesse repassar. Foi quando reencontrou Faneco e conheceu o Esquadrão do Bem. De uma ação voluntária, surgiu uma grande amizade.

O Esquadrão do Bem, como o próprio nome já diz, une uma multidão com a intenção de fazer o bem ao próximo e foi criado por Faneco, como é conhecida. Agora voltemos ao dia em que a conheci.

Era uma noite de terça-feira. Encontrei com Adham na universidade e fomos até a casa da Inês, um imóvel de apenas 20 metros quadrados, uma garagem, na verdade.

Cada centímetro daquele local era utilizado, de uma forma ou de outra, para transmitir o amor, seja guardando alimentos para os moradores de rua ou utilizando seu próprio muro para escrever mensagens de incentivo.

Esse muro, aliás, já rendeu muita história. Lá, a pipoqueira escrevia frases, reflexões, até um puxão de orelha aos moradores sobre o agravo da dengue na cidade. Segundo ela, ainda há muito o que escrever, pois as pessoas, às vezes, precisam ser incentivadas.

Ela me contou isso no bar, pertinho da casa onde mora, tomando uma catuaba. Era um dos poucos momentos de lazer que tinha em meio a tantas ações que desenvolvia.

Maria Inês Faneco, na época com 55 anos, motivou-se a dividir o pouco que inspirada em sua mãe, que sempre ajudava o próximo. Ela se recorda com muito carinho do tempo em que era criança e sua mãe preparava alimentos para os moradores de rua que passavam pedindo nas casas.

Quando a mãe ficou doente, ela sentiu a necessidade de continuar com esse gesto tão bonito. Ao mesmo tempo, não deixava de se questionar sobre o porquê de não tentar fazer ainda mais pelo próximo.

O nosso encontro foi em um lugar bem incomum. Foi a primeira vez que entrevistei alguém em um bar. Quem me acompanhou na entrevista e me levou até Maria Inês Faneco foi um calouro da minha turma de jornalismo chamado Adham Felipe Marin, de grande importância nessa história. Vamos a ela.

Já em seu primeiro ano na faculdade de jornalismo, Adham não se mostrava um futuro jornalista com o intuito apenas de escrever uma história ou repassar uma informação. Na verdade, era alguém que tinha o forte desejo de atuar na história, por meio de suas ações.

Ainda quando muito jovem, Adham enfrentou a triste situação de ter sido diagnosticado com um tumor na cabeça. Mesmo em meio a tantos problemas, sempre o via sorrindo e atuando de forma muito participativa na universidade.

Em julho de 2015, ele e um grupo de amigos universitários sentiram a necessidade de fazer marmitas e entregá-las a moradores de rua de Bauru. Tive a oportunidade de acompanhá-los por duas vezes. Foi quando o desprendimento do Adham ficou ainda mais evidente para mim. Se fosse preciso, ele ficava sem cobertor em casa e sem a própria roupa do corpo para que, na noite em que estivesse nas ruas, ninguém sentisse frio ou fome. Uma vontade de ajudar o outro sem tamanho.

Ele me confidenciou que o fato de ter tido o câncer mudou sua perspectiva sobre a vida. E essa ruptura o fez questionar-se se ele queria viver só para ele ou usar o que podia para deixar o mundo um pouco melhor.

Para ele, ajudar as pessoas é uma opção de vida, é não pensar em si próprio primeiro, mas se colocar no lugar do outro e elevá-lo ao mesmo nível.

Mas mesmo antes do câncer, Adham já era um mobilizador. Influenciado pelo avô, muito solidário, começou aos poucos com pequenos gestos e atitudes, que foram crescendo dentro dele junto com a vontade em dividir tudo o que tinha.

Quando tirou carta de motorista, sempre ia à favela para conversar com os moradores. Se via alguém com um pé inflamado, se prontificava a levar a pessoa para o hospital, mesmo sem fazer parte ativa de algum grupo de voluntários.

maquiada. Suas vestes representavam a pureza e a nova mulher que ali estava se apresentando ao mundo.

Após a formatura, Ana ficou três meses em Goiânia, morando com Pedro na casa de uma família de lá. Neste período, não conseguiu emprego, teve duas recaídas e decidiu voltar para Bauru.

Marta e Valter, ao ficarem sabendo, decidiram apoiá-la e aí pensaram em realizar um novo desafio: o de trazer uma estranha conhecida para dentro de casa. De pais do Pedro, passaram a ser provisoriamente pais da Ana.

Um lar em um bairro universitário em Bauru: esse passaria a ser o endereço de Ana, pelo menos temporariamente. Este lugar já era velho conhecido de Pedro.

Rotina nova, casa nova, família nova, emprego novo, até escola nova! Ana decidiu retomar os estudos de onde parou, na sétima série. Com as novidades também vieram certas obrigações: lavar roupa, passar roupa e ser mãe, coisas que não estava acostumada a fazer, mas totalmente disposta a aprender.

Para Valter e Marta, era como ter uma adolescente dentro de casa. Um sentimento maternal por Ana floresceu em Marta e logo ela percebeu que não era ali que Ana queria estar. Para a mãe de Pedro, a situação era tão desconfortável e difícil quanto para a própria Marta.

Ana quis ir embora. Estava preocupada com o trabalho que trouxe para essa família e disse que ia para a casa do irmão. Marta e Valter tentaram inúmeras vezes lembrar o propósito de ela estar ali, que o apoio deles seria até ela se firmar no emprego, arrumar uma creche para Pedro e uma casa para que pudesse criar seu filho. Algumas vezes eles a convenceram, mas chegou a hora de ela seguir seu caminho.

Ana se mudou, já não mora mais com a família acolhedora. Alguns meses após ir embora para a casa do irmão, passou pelo período de experiência no emprego de serviços gerais em uma empresa, conseguiu a creche para Pedro e alugou uma casinha. O cuidado, carinho e amor que seus “pais” temporários

A família acolhedora

tiveram com ela foram capazes de transformá-la na Mãe do Pedro.

A família Souza Leite ainda mantém contato com Ana, acompanhando seu crescimento pessoal e profissional de longe.

Em abril de 2016, a família Souza Leite já abrigava a 15ª criança, Rebeca, com 2 meses de vida. Valter e Marta encontravam-se prontos para o novo desafio, composto por lutos e pelas dores do próximo amor.



Esquadrão do bem

Quais são as motivações para se ajudar um desconhecido? E por que não ajudar? Sob esses questionamentos, recorro a texto escrito pela jornalista Eliane Brum: “Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar, não sabemos o que vamos ver.”.

Apesar de terem medo, os personagens deste capítulo me ensinaram que tudo se torna pequeno perto da vontade de ajudar o outro, pois é triste a realidade encontrada pelo caminho, ao passo que o sentimento de alegria ao saber que alguém não irá passar fome por conta do arroz doado é maior que qualquer outra sensação.

O ensinamento ficou após acompanhar e entrevistar membros do Grupo Esquadrão do Bem e sua idealizadora, Maria Inês Faneco. Em nossos encontros, eles me falaram sobre inspiração e solidariedade. Ao final, percebi que este livro estaria incompleto se eu não os entrevistasse.

Quimioterapia da beleza

A quimioterapia tem como objetivo eliminar células cujo crescimento incomum e muito rápido leva ao câncer. O tratamento, no entanto, não atinge somente as células cancerígenas, as saudáveis também são afetadas, ocasionando diversos efeitos colaterais. Entre eles, náuseas, fadigas e queda de cabelo.

Esse último, em especial, é um dos grandes catalisadores da depressão entre mulheres com câncer, pois o cabelo é como uma representação do seu estado emocional.

Ao cair, os cabelos, muitas vezes, levam a reboque a autoestima, impedindo que a força, a fé e a alegria, capazes de fazer a diferença no tratamento, favoreçam a recuperação da paciente.

Quem já viveu e venceu essa etapa foi Flávia Flores, a inspiração deste capítulo, que trouxe beleza, alegria e autoestima às mulheres de Bauru em setembro de 2015.

Conheci Flávia durante pauta sobre uma ação social. Foi uma tarde de terça-feira marcante, em meio a histórias de mulheres incríveis que lutam contra o câncer de mama.

Na fala de Liete, observei também que, mesmo Mariana estudando em uma escola de qualidade, a mãe acredita que só isso não garante a aprendizagem. Ela e seu marido devem participar.

E em busca de informações sobre a importância dos pais participarem da vida acadêmica dos filhos fui conversar com uma psicóloga escolar, a também professora Ester Tereza Senger Petroni. Ela me disse que famílias assim existem, mas não são tão frequentes no ambiente escolar e, por isso, com certeza são um exemplo a ser seguido.

Ester explicou que muitas famílias estão afastadas da escola, talvez por acreditarem que o ambiente escolar deve fornecer tudo, pela necessidade de sobrevivência que obriga os responsáveis a trabalhar ou até mesmo pela própria escola afastar a família.

Para a psicóloga, esse quadro de ausência pode ser revertido quando a escola ensina que o papel dos pais e responsáveis é educar, ensinar valores e dar afetividade e o papel pedagógico é da escola.

Acompanhar, apoiar, motivar, continua por toda vida, não só na fase escolar, pontuou Ester. A criança constitui sua imagem a partir das figuras representativas com quem convive e é responsável pela sua formação, acrescentou.

É nítido que Mariana tem bons exemplos em casa e, para a psicóloga, essa é uma família envolvente, que ao mesmo tempo participa e dá autonomia para Mariana, o que os torna tão inspiradores.

Mariana, Liete e Nelson podem não ter notado, mas com um gesto de amor pela comunidade e a preocupação pelas pessoas, despertaram nos colegas de escola, nos professores e em todos que os conhecem a vontade de fazer mais e melhor pelo outro.

Não há prêmio mais valioso do que ver essa corrente do bem se perpetuando pela cidade e pela educação.



na escola, o sonho de um futuro melhor para a educação do Brasil, até o ponto da educação ser transformada de tal forma que a cultura do nosso país seja dar prioridade a ela. Às vezes, só o fato de ter um parquinho funcionando pode despertar nas crianças a vontade de ir para a escola e de nela permanecer.

A maior preocupação da mãe de Mariana é com a falta de valorização da educação do Brasil, pois ela vive junto com a filha a realidade de uma sala de aula. Ela sofre com o sonho de Mariana de se tornar professora, mas acredita que o empenho dela em ajudar pessoas e a comunidade fará a diferença no futuro.

O projeto de Mariana não foi o vencedor, mas a menina não desistiu. Mesmo sem ganhar o apoio da Disney, acredita que fez a parte dela e vai continuar fazendo, se doando para ajudar os colegas, se preocupando com o bem estar deles dentro da sala de aula, cuidando da biblioteca e preservando o patrimônio da comunidade.

No final de abril de 2016, quando estava no quarto ano do ensino fundamental, Mariana e um colega da escola receberiam um prêmio por serem assíduos leitores da biblioteca municipal localizada em seu bairro. Nesse mesmo período, o parquinho ainda não havia sido revitalizado, pois a escola estava sem recursos e realizaria uma festa junina para levantar o valor da reforma.

Janaina Aparecida Leite Albino, a coordenadora que cuida da turma da Mariana, me contou que ela é uma criança que mobiliza. Mesmo tímida, participa, traz experiências, compartilha pensamentos e sempre demonstra interesse, o que, a profissional, é visto como um modelo positivo a ser seguido pelos outros alunos.

Ser uma exemplo deve-se ao fato de colaborar com a forma como a professora conduz a sala de aula: Mariana traz ideias e inclui os outros alunos, valorizando o coletivo sem desmerecer as decisões e opiniões dos outros.

Ao ter acesso aos vários lados dessa história, pude perceber que não era só Mariana que mobilizava. Seus pais tinham grande participação nisso – as próprias professoras e coordenadoras me disseram que essa família era muito envolvida em tudo que estava relacionado à escola.

Havia quinze mulheres ali, em uma sala espaçosa do 2º andar do Teatro Municipal de Bauru. Algumas delas estavam sentadas a uma grande mesa cheia de maquiagens, outras apenas conversavam, aparentando timidez.

Eram três da tarde e muitas entraram ali achando que seria apenas mais uma palestra sobre câncer, da qual sairiam renovadas e com muita vontade de vencer e viver. Naquele dia, no entanto, o aprendizado era sobre o poder que a verdadeira beleza tem de trazer à vida aquilo que estava desfalecendo.

Com sotaque sulista e outras diversas características marcantes, como sua altura de modelo, corte de cabelo despojado, jeito alto astral, energia positiva, simpatia, encontrei Flávia Flores.

Catarinense, ex-modelo, 36 anos à época, mãe, blogueira, em 2015, Flávia se tornou referência no tema quimioterapia e beleza. Nessa frase, que aparentemente indica uma antítese, Flávia se destaca em prol de pessoas.

Em retrato oposto ao das mulheres que normalmente passam pela doença, ela mostrou que podem existir, sim, beleza e vaidade para quem está passando pelo tratamento quimioterápico.

Essa afirmativa começou a ser construída ao final do ano de 2012, composto pelo começo de namoro e um novo emprego como gerente comercial de uma grife de moda. Tudo acontecia normalmente, sem problemas. Até que, em uma avaliação periódica da cirurgia feita há tempos atrás, a troca dos silicões nos seios foi requerida, a fim de remover um “carocinho”. Esse pequeno cisto, que aparentava não incomodar, foi o diagnóstico do câncer de mama.

Preocupada com a estética, Flávia não temia a morte, mas, sim, lidar com a situação dali para frente. Como continuaria se amando sem perder a sua identidade e sem deixar sua felicidade de lado?

Decidida a não retirar as mamas, procurou uma alternativa: um procedimento menos invasivo, no qual, ao fazer a mastectomia, as auréolas dos seios foram preservadas. Logo após a cirurgia, os seios foram reconstruídos em uma cirurgia plástica.

Sua recuperação foi repleta de surpresas: seus pais, que não se falavam há mais de 20 anos, voltaram a conversar e o namorado, que a acompanhava no hospital e lhe dava apoio, abandonou-a após a alta. Além disso, bloqueou-a nas redes sociais e simplesmente deixou de atender seus telefonemas. Isso foi o suficiente para lembrá-la de cuidar de si, da saúde e, acima de tudo, da autoestima.

Durante o tratamento, Flávia percebeu que seus amigos começaram a sumir. Insistente, foi atrás para saber por que estava sendo ignorada. Nas respostas, novas surpresas: descobriu que as pessoas simplesmente não sabem lidar com o câncer e preferem se afastar. As amigas diziam que sentiam vontade de chorar e tinham medo de deixá-la pior.

Tentando encontrar um meio termo entre seguir com o tratamento e se sentir mais bonita, Flávia sentou-se em frente ao computador e digitou “beleza e quimioterapia”. Nada. Por trás dessa busca havia alguém que necessitava de auxílio, qualquer dica que fosse, mas, nesse caso, nem o Google sabia como direcioná-la.

Flávia não se conformou com a situação e algumas ideias começaram a rodear sua mente. Por que ela mesma não poderia escrever sobre dicas de cosméticos, maquiagem, acessórios e alimentação, para enfrentar esse momento difícil de maneira mais leve? Por que não criar uma página no Facebook? Por que não escrever um blog? Foi assim que surgiu a “Quimioterapia da Beleza”.

O primeiro post veio após sua primeira sessão de quimioterapia. Flávia decidiu postar um vídeo sobre a experiência da queda dos cabelos, do enjoo e todos os acontecimentos que viriam pela frente.

E não parou por aí: registrou o momento em que ficou careca, a descoberta dos lenços e chapéus, além das perucas que até ganharam apelidos, como Marilyn Monroe e Pulp Fiction. Com bom humor, Flávia conta o que pensou quando se viu pela primeira vez careca no espelho: “Quando o cabelo caiu, eu pensei: Nossa como sou linda, até que eu não tenho orelha de abano!”, contou, em meio a risadas.

propaganda, correu para o seu pai, contou suas ideias e, com um computador, os dois começaram a dar vida ao projeto, batizado de “Um Respiro Pela Educação”.

O nome, carregado de significados e esperança, propunha um descanso, um repouso, uma pausa para refletir sobre o que realmente importa: a educação, o conhecimento, o futuro das crianças. Esta era a intenção de Liette quando sugeriu o nome do projeto à sua filha.

Depois, Mariana foi pedir a opinião de seus colegas de classe sobre o que gostariam que fosse feito na comunidade e o que eles mais sentiam falta.

A coordenadora pedagógica da escola, Ana Carolina Franco dos Santos, responsável pelas turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental, contou que o projeto “Um Respiro Pela Educação”, de Mariana, não era uma proposta escolar e, sim, uma iniciativa dela e de sua família, pois foram eles quem se interessaram em desenvolvê-lo. Quando a ideia foi apresentada na escola, todos adoraram e prontamente apoiaram, tanto que Ana Carolina se prontificou a colocar seu nome como responsável.

Mariana apresentou as sugestões do projeto para seus colegas da sala de aula e fez uma votação com os alunos; entre as opções de votação estavam melhorar a quadra, trocar mesas e carteiras da sala de aula e a revitalização do parquinho.

O parquinho entrou de forma unânime na discussão pois o “gira-gira” estava quebrado e o risco de que as crianças menores caíssem e/ou se machucassem era evidente; além disso, as tábuas das gangorras estavam quebradas.

Na inscrição, Mariana teve de falar da escola, contar que escolhera o parquinho pela preocupação com a possibilidade dos alunos menores se machucarem e pela alegria em vê-lo funcionando novamente um dia, com todos brincando sem perigo – algo tão simples, mas que fez todos os alunos da escola aguardarem ansiosos pelo vencedor do projeto Disney Cidadania.

Um respiro pela educação, um fôlego a mais para quem está começando

Como muitas crianças, Mariana é fã do desenho animado “Frozen”, que conta as aventuras de duas princesas em um reino congelado. Era do desenho, verdadeiro fenômeno nos anos de 2014 e 2015, que usava um anel com a figura de um dos personagens e uma sapatilha com flocos de neve na cor roxa. A preferência indica que, apesar de tantas responsabilidades e de ser mais madura do que muitos, ainda vive com grande intensidade tudo o que a infância pode lhe oferecer e proporcionar.

Em nosso encontro, seu jeito tímido, delicado e sua mansidão expunham a vergonha de estar ali, naquele momento, mas sua educação, respeito e o modo como ela falava eram admiráveis.

Liete me contou que ela e o marido mudaram alguns dos hábitos que tinham em casa e se reeducaram por conta da filha, pois a menina presta muita atenção e se preocupa com a linguagem falada e o vocabulário. Por isso, o comportamento dos pais passa constantemente pela análise involuntária da filha, tanto que, quando algo não condiz com o que ela aprende na escola, lhes chama a atenção.

À espera de uma oportunidade, uma abertura, uma desculpa qualquer para poder aplicar o que tanto gosta – que é ajudar – encontrou o incentivo que desejava, um dia, assistindo seu canal de televisão favorito.

“Seja um herói do seu bairro”, essa era a proposta do Disney Cidadania, criada pelo canal infantil de uma TV por assinatura. O projeto tinha o objetivo de incentivar e despertar a cidadania nas crianças e mostrava que o verdadeiro herói não era aquele com superpoderes, mas qualquer pessoa que estivesse disposta a “dar uma mão”.

A propaganda dizia para as crianças procurarem locais que precisavam de ajuda na comunidade e para pensarem no que gostavam de fazer e nas mudanças que fariam para melhorar. Ao projeto vencedor, a Disney iria fazer uma doação em dinheiro.

Mariana foi umas das crianças que se inspiraram. Após ver a

Se sentir bonita e com a autoestima elevada foi como um remédio para Flávia, que logo passou a tratar a doença de forma natural. Aos poucos, as pessoas que haviam se afastado se reaproximaram e muitas outras surgiram na vida dela.

A página Quimioterapia da Beleza começou a ser muito acessada e Flávia foi se transformando em referência para quem passava pelo tratamento. Centenas de mulheres com câncer enviavam mensagens em que diziam ter encontrado motivos para sorrir e recomeçar.

Em abril de 2016, a página de Flávia era seguida por mais de 88 mil pessoas. Além de blogueira, era embaixadora do Hospital Santa Paula em São Paulo; embaixadora do Instituto Abihpec (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos) no Projeto De Bem com Você - A Beleza contra o Câncer; madrinha do Instituto Ronald McDonald no Rio de Janeiro; e fundadora do bancodelenços.com.br, além de autora do livro e projeto “Quimioterapia e Beleza”.

Em meados de 2013, uma editora a procurou dizendo que era a primeira mulher no mundo a falar sobre estética e beleza no câncer. Foi quando percebeu o quanto era importante o que fazia. Era precursora de uma iniciativa linda que visava transmitir esperança para quem mais precisava.

No momento que antes pensava ser seu fim, Flávia hoje o vê como o começo de sua verdadeira paixão e missão.

A iniciativa de Flávia chamou a atenção de muitas pessoas, caso da economista Paula Gallo, diretora de marketing do Hospital Santa Paula, na Vila Olímpia, em São Paulo. Paula a procurou para propor uma parceria: fundar um banco de lenços para arrecadar e distribuir pelo mundo peças a mulheres que perdem o cabelo durante o tratamento do câncer. Em menos de um ano de projeto, elas conseguiram mais de 4.000 lenços.

Flávia passou a fazer “expediente” no centro de saúde, como conselheira das mulheres em tratamento. Para tentar devolver a alegria e a vontade de viver das pacientes, ela ficava a tarde conversando e as ensinando a fazer vários tipos

de nós nos lenços.

Em um desses momentos, soube que a cada 24 segundos uma mulher era diagnosticada com câncer de mama, além daquelas identificadas com câncer de ovário e de útero. Foi quando percebeu que tinha se tornado “responsável” por muitas vidas, tanto das pacientes quanto de parentes, pois quando há alguém passando por essas dificuldades toda a família sofre junto.

Flávia também notou que, quando ajudada, a grande maioria das mulheres tende a passar pra frente a mesma energia que recebe, formando uma enorme “corrente do bem”, que vai além da beleza. A quimioterapia, definitivamente, ao invés de levá-la ao cansaço, lhe deu forças.

Flávia passou a realizar palestras e workshops em diversos lugares do Brasil, além de dar entrevistas a vários programas de televisão, sites e jornais. Mesmo sem querer, tornou-se uma espécie de “embaixadora” da beleza e não só as mulheres em tratamento do câncer, mas quem a conhece, a respeita e admira, pela coragem de transformar em bonito um processo de tratamento que é o oposto disso.

Naquela tarde de terça feira, em Bauru, quinze mulheres foram impactadas. Dona Berenice era uma delas. Antes quietinha no canto daquele salão tão espaçoso do teatro, tinha ido ao evento por conta de uma amiga que insistiu que comparecesse. Acompanhada do neto, chegou com o semblante caído e uma tristeza no olhar. Era duro, difícil, estava lutando pela segunda vez contra o câncer.

Berenice Borges de Oliveira tinha 58 anos, quando a entrevistei. Em 2009, descobriu um câncer no útero, passou por diversas cirurgias e se recuperou. Em março de 2015 completava seis anos sem nenhum sintoma aparente, até que no dia 29 de abril recebeu dos médicos a notícia de que o câncer havia voltado.

Conforme Flávia, com seu jeito cativante e descontraído, ia falando, o semblante de Dona Berenice ia mudando. De repente, um sorriso apareceu, em seguida outro e os sorrisos se tornaram risadas, e elas, bem, fizeram com que Dona Berenice sentisse uma alegria que pensava já não mais ser possível ao

Em 2016, Mariana, então com 8 anos, possuía uma rotina e sonhos de gente grande, muito incomuns para alguém de sua idade. Estudante da escola municipal Lydia Alexandrina Nava Cury, localizada no Núcleo Geisel, município de Bauru, ia todos os dias a pé para a escola em companhia de sua mãe, Liete Arques de Campos, esteticista de profissão. Durante o caminho, costumavam conversar bastante sobre o dia a dia.

Liete, a mãe, dedica todo o tempo em que não está no trabalho à sua pequena princesa. O pai, Nelson Campos, é web designer e foi um dos maiores incentivadores de Mariana para que ‘criasse’ algo que pudesse servir de ajuda para outros.

Devido ao conhecimento do pai em desenvolver sites, a pequena decidiu inovar e criar um sítio virtual repleto de conteúdos educativos – algo diferente para uma criança com tão pouca idade. Nesse espaço, pode compartilhar com seus colegas e amigos de escola obras literárias, mostrar como aprender pode ser divertido por meio de jogos educativos, publicar histórias que, com muito carinho escreveu, e revelar seus desenhos mais criativos.

O interesse por histórias vem de muito cedo. Ainda na barriga da mãe, Mariana já era embalada por contos recheados de detalhes lidos todas as noites por seus pais. Isto despertou uma paixão pela leitura e ela não parou mais. São pelo menos quatro livros por semana.

Certa vez, por conta da afinidade e atenção com a leitura, lendo, percebeu um erro de digitação em um dos livros e, com toda a delicadeza que possui, mandou um e-mail para a editora, alertando sobre o problema.

No dia da entrevista, Mariana acabara de sair da aula de balé, usava um collant cor de rosa, shorts brancos, coque no cabelo e meia calça branca, como uma bailarina de porcelana. Esta é apenas uma das tantas atividades que ela tem na semana. Fascinada por música, tocar violão e teclado são outros de seus passatempos. Ela também joga xadrez, administra o site educativo e ainda arruma tempo para ler livros semanalmente.



MARIANA | FOTO: YURI KUFA 55



DONA BERENICE | FOTO: LETÍCIA TOLEDO 36

passar por esse processo novamente.

Para essa senhora, cada dia conta, cada respirar é uma vitória, e todas essas pequenas grandes conquistas devem ser comemoradas e não desprezadas.

Uma tarde, três horas de bate-papo, descontração e muita maquiagem. Quinze vidas transformadas, histórias compartilhadas, experiências e dúvidas trocadas, projetos voltando a ser sonhados. Uma das integrantes, que recebera o diagnóstico do câncer naquela semana, chegou chorando ao evento e saiu sorrindo e confiante, acreditando em superação.

Clara Vasconcelos, presidente do Grupo Amigas do Peito², em Bauru, me contou que a vinda de Flávia à cidade impactou muito o andamento do grupo. Na época, a associação estava começando projeto de doação de lenços e, após a tarde com a Flávia, o trabalho foi intensificado.

Da atividade surgiu o “Lenço Amigo”, projeto que, a cada quinze dias, leva quatro mulheres a algum hospital para entregar lenços àquelas em quimioterapia. Clara explica que, na abordagem, as voluntárias ensinam as pacientes a usarem o lenço e a cuidar da beleza, como um incentivo.

Na opinião de Clara, Flávia trouxe uma visão de esperança, com seu positivismo, bom humor e autoestima, algo bem diferente do câncer e que encorajou e inspirou muitas mulheres do grupo.

Esse é o poder da Quimioterapia da Beleza: devolver a fé a quem estava incrédulo e tratar com amor aquilo que dói quando é tocado, por meio do resgate da feminilidade, estilo, sensualidade e autoestima.

Mais do que ajudar a colorir o rosto com maquiagem ou a enfeitar a cabeça com lenços e echarpes, Flávia ajuda a atribuir esperança e alegria ao significado da cor rosa na vida das mulheres com câncer.

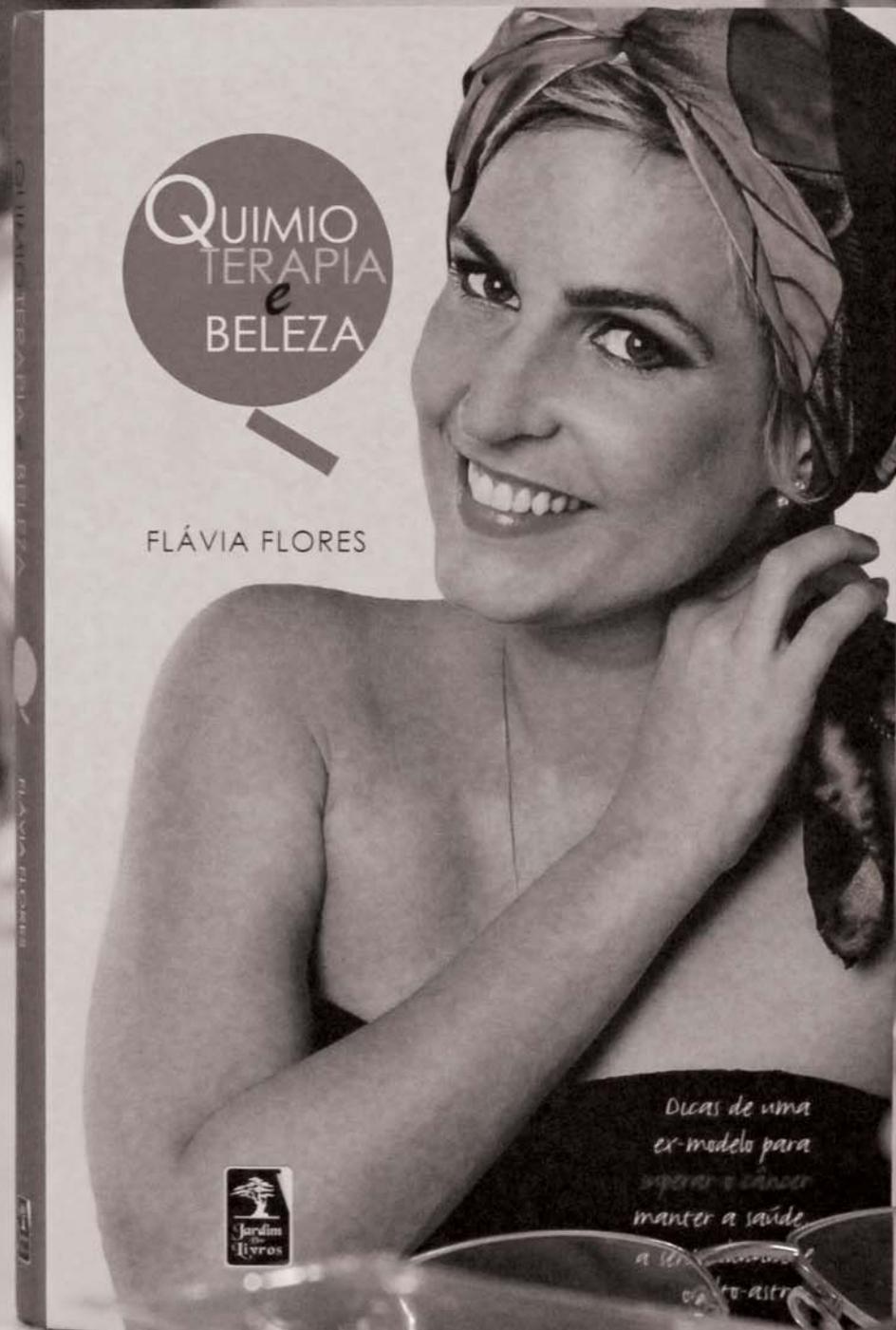
Em uma típica sexta-feira “daquelas” na redação da TV onde estagiava em 2015. O tempo voava e as notícias pareciam ter decidido não aparecer naquele dia. Trabalhava com todas as energias para concluir uma pauta para o jornal de domingo. Já eram quase 19h e ainda não tinha nenhum entrevistado em vista. Na tentativa de encontrar personagens para uma matéria sobre boas iniciativas na educação, eis que surgiu a pequena grande Mariana Arques de Campos.

Mariana, de acordo com a própria mãe, se preocupa muito com todos ao seu redor. É como se tivesse nascido com olhos apurados para isso – ninguém passa despercebido, pois, para ela, todos merecem atenção de qualidade. Hoje, mais “crescidinha” e com muita disposição, ajudar a quem precisa virou seu lema. Quando ouvi sobre ela e sua família, sabia que deveriam estar neste livro.

² Associação sem fins lucrativos, criada por algumas pacientes diagnosticadas com câncer de mama que se reúnem para trocar experiências sobre o tratamento. Hoje o grupo conta com 50 voluntárias.



ANDERSON | FOTO: YURI KUFA 53



LIVRO QUIMIOTERAPIA E BELEZA | FOTO: LETÍCIA TOLEDO 38

O nascimento de uma estrela

A ciência explica que as estrelas são partes fundamentais do nosso universo. É por meio delas que surgem diversos elementos químicos essenciais. Isto acontece no chamado berçário estelar e o processo pode levar milhões de anos.

E como a ciência já comprovou, estrelas não são eternas. Mas mesmo quando uma delas chega ao fim, é possível enxergar sua luz viajando pelo universo por milhares de anos.

A essa viagem de partículas, o senso comum atribuiu a ideia de que estrelas brilham em meio à escuridão, suscitando pedidos, segredos, conversas e, sobretudo, admiração pelo que são ou foram.

Por conta dessas características, ao se conhecer a história da guerreira Ágata, torna-se fácil comparar sua vida com a desses corpos celestes. Pois, tal como algumas estrelas, ela não está mais entre nós, mas o legado e a corrente formada por sua causa permaneceram por bastante tempo.

Tudo começou em 2015, quando a foto de uma menina começou a ser divulgada nas redes sociais junto a uma mensagem que tocou o coração de muitas pessoas. Sensibilizadas, elas decidiram compartilhá-la.

Mas quem seria essa garota de sorriso singelo no rosto que motivou a mobilização de toda uma cidade? Pelo que estaria passando? Em busca dessas respostas fui conhecer a história de Ágata, cujo nome significa menina bondosa.

transmitidas pelos professores, ponto chave do processo.

Somando-se às atividades artísticas e esportivas, a ONG realiza projetos sustentáveis com o objetivo de contribuir para que a cultura se torne um eixo estratégico nas políticas públicas de desenvolvimento do Estado brasileiro. Isto envolve levantar fundos para a manutenção do espaço, utilizando-o de forma criativa e envolvente.

Outras ações são Impactar com Arte e Escola com Arte, por meio das quais os participantes do Galpão devolvem a cultura urbana para as ruas, de maneira estruturada e sob métodos educativos. Esses são os momentos em que colocam em prática o que aprenderam durante as oficinas e interagem com a sociedade, em forma de um espetáculo itinerante.

Em parceria com a SEBES (Secretaria do Bem Estar Social), no dia 01 de janeiro de 2015, surgiu o Abrigo Wise Hope, com 20 vagas destinadas a crianças e adolescente de zero a 17 anos, onde recebem cuidados com muito amor e carinho. Os abrigados frequentam regularmente a escola e também o serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

O coordenador Marcus Vinicius me explicou que a necessidade de criar um abrigo surgiu da necessidade de acolher crianças e adolescentes em situação de risco. Como cristão, entendeu que a demanda indicava a hora de expandir o projeto.

Ao ajudar o próximo por meio de ações esportivas, artísticas e de valores, a ONG Wise Madness prova que ajudar o próximo por meio de um simples ato de carinho, atenção e generosidade pode mudar a história e os sonhos de crianças e adolescentes descrentes e desacreditados. Em seus lares, eles expandem às suas famílias essas sementes, criando uma corrente do bem.

Se dar a mão àquele que necessita é ser visto como louco perante alguns membros da sociedade, meu desejo é que todos sejam atingidos pela tempestade radical que mistura, em perfeitas proporções, loucura e sabedoria.

As mudanças fizeram com que as oficinas passassem a ser realizadas na própria sede do projeto, mesmo estando ainda em reforma. E no dia 21 abril de 2012, o galpão e a pista de skate, construída artesanalmente por Enilson e voluntários, foi oficialmente inaugurada e colocada à disposição dos jovens amantes da arte do skate. O sonho, então, havia se tornado realidade: por a 'mão na massa' em prol de uma sociedade mais saudável e cheia de valores.

Ao ser questionado sobre o impacto da ONG em Bauru, Anderson me contou que mais de 200 crianças já haviam passado pelos projetos noturnos e, naquele momento, 260 crianças participavam.

De acordo com Anderson, é possível perceber a transformação nas crianças, refletidas em crescimento de cultura, respeito pelo próximo, boas escolhas e caráter, incentivadas à educação com bolsas de estudos. Segundo dados dos próprios organizadores do projeto, a cada 200 jovens que passam por ali, pelo menos oito se tornam voluntários e até mesmo funcionários do Wise Madness.

Naquela manhã conheci várias crianças. Uma delas era Marcos Antônio, de 14 anos. Ele teve a vida completamente transformada a partir do momento em que passou a frequentar a ONG, cuja atividade preferida envolve as brincadeiras de circo. No futuro, ele sonha que os filhos possam aprender tanto quanto aprendeu.

O projeto também proporcionou um curso profissionalizante para Marcos, na área de operador de caixa. O adolescente me contou que quer terminar os estudos e começar a trabalhar.

Transforma as pessoas por meio das artes integradas, cuidando da autoestima e do livre desenvolvimento da personalidade, é o objetivo da ONG. As oficinas culturais contribuem para esse amadurecimento, como as de street dance, street kids, STOMP, pirofagia, teatro, clown, breaking e a escolinha de skate e roller.

Durante essas oficinas, são valorizados o apoio mútuo e a colaboração do grupo, além das mensagens de respeito, solidariedade e compreensão aos alunos,



Salvar uma vida nem sempre é impedir que uma pessoa se vá. Muitas vezes, é resgatar a fé e a esperança de uma família com o coração em pedaços. Esta é a história da pequena Ágata Munhoz Braga.

O primeiro capítulo começa em 17 de junho de 2005, às 16h30, uma sexta-feira fria e chuvosa. Este foi o dia em que Ágata chegou ao mundo e esquentou o coração de todos com seu primeiro 'chorinho'. Naquele momento, na maternidade Santa Isabel, na cidade de Bauru, a bebê deixou mais alegre da vida de seus pais.

A olhar para a pequena filha e enxergar nela semelhanças com o casal, o pai, Ítalo Braga, com os olhos marejados, se perguntou: "Como essa criança tão linda pode ter vindo de nós?".

Os olhos vieram do pai, a pele clarinha era como a da mãe, Eloana Munhoz. Os cabelos eram castanhos e havia muito brilho no olhar e no sorriso, que se tornaria uma das marcas registradas dessa menina cativante.

O tempo ia passando depressa. Era como se, de um dia para o outro, a pequena Ágata tivesse passado de engatinhar a andar e logo começado a correr pela casa. Tudo seguia o ritmo natural da infância até que o ano de 2014 trouxe um diagnóstico médico nada favorável, que fez com que essa família se reorganizasse completamente para atender as novas necessidades que surgiram.

Aos 8 anos de idade, Ágata foi diagnosticada com meduloblastomas, um tumor cerebral bastante agressivo, cuja maior incidência é verificada na primeira década de vida. O acometimento mudou a vida dos pais e de pessoas que ela nem conhecia.

Os sinais da doença começaram em fevereiro de 2014. Em princípio, os pais atribuíram a um bullying, sofrido por ela dias antes, quando alguns meninos da escola haviam quebrado a mochila da filha e depois a ameaçaram caso contasse algo à família.

A mãe de uma amiguinha relatou o fato à Eloana. Preocupada com a situação e com os enjoos frequentes, que atribuía ao incidente escolar, a família foi procurar ajuda médica.

coordenadores e responsável pelas atividades de esportes radicais.

A criação foi em 2006, sob inspiração de um projeto de São Paulo. Junto com o amigo Marcus Vinicius Fernandes, à frente das atividades de hip hop, eles iniciaram as primeiras reuniões do grupo, em princípio na Praça Rui Barbosa, no centro da cidade.

Tempos depois, uma igreja do bairro Nova Esperança forneceu o primeiro espaço para que realizassem uma oficina de teatro. Com o passar dos meses e o aumento no número de participantes, o grupo foi batizado de "Das Ruas pras Ruas".

O nome não causou impacto, surgiu, então, a ideia de nomeá-lo como Wise Madness. Essa era exatamente a representação dos ideais estabelecidos pelo grupo, que pretendia formar artistas com perfil e atitudes de liderança e princípios éticos bem definidos.

A cada nova apresentação do projeto, novos jovens iam se achegando. Mesmo sem possuir uma sede, a Wise Madness marcava presença e fazia a diferença nos espaços por onde passava.

Em 2010, o promotor de justiça Enilson Komono se interessou pelo projeto e quis ajudar. Enilson, que já participava dos projetos SOS Global (Ajuda Humanitária) e Unifica (Esportes Radicais), passou a acompanhar todas as apresentações e trouxe consigo várias outras pessoas com objetivos e metas parecidas: a busca de um mundo melhor por meio de ações na comunidade local.

Por meio dessa mobilização, o projeto ganhou sede, infraestrutura, equipamentos. As atividades passaram a ser coordenadas por Enilson, Marcus Vinicius e Anderson, responsáveis pelas áreas de esportes radicais, administrativo/oficinas artísticas e agenda/logística, respectivamente.

No dia 02 de maio de 2011, eles oficializaram as documentações e se constituíram juridicamente como ONG, que posteriormente foi reconhecida como utilidade pública da cidade. A partir daí, passaram a se inscrever em iniciativas públicas e privadas, para angariar verba para manutenção e ampliação do projeto.

Havia marcado a entrevista por telefone e não sabia ao certo qual a localização do galpão com a pista de skate, onde seria nosso encontro. Eu e Yuri, meu fiel companheiro nas gravações, fomos guiados GPS, que nos levou por um caminho estranho, em meio a uma região nitidamente deixada de lado – bastava reparar no matagal que havia naquele lugar.

Ainda um pouco perdidos, chegamos ao nosso ponto de encontro na Vila Aviação B, bairro de Bauru. A van preta com a logomarca do projeto estava estacionada em frente ao galpão da ONG. Ficamos aliviados.

As crianças já logo se aglomeraram para ver quem estava chegando. Todas pareciam bem animadas, queriam pegar os equipamentos e saber o que estávamos fazendo ali. Mil perguntas nos foram feitas.

Quem nos recebeu foi Ricardo Rodrigues, de 28 anos, no projeto desde 2015. Assistente social, ele foi atraído pela ideia de trabalhar de forma lúdica com jovens em situação de exclusão social, a fim de ajudar a minimizar a agressividade e até mesmo a violência que algumas crianças apresentavam.

Ricardo atuava na Unidade I do projeto, na Vila Aviação B, à frente do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes, onde o foco era atender os bairros Jardim Nicéia, Jardim Europa e bairros adjacentes. Já a Unidade II, no Núcleo Otávio Rasi, realizava este trabalho atendendo jovens e crianças da região leste de Bauru.

Trocas culturais e de vivências, fortalecimento de vínculos familiares e incentivo à socialização e à convivência comunitária eram algumas das funções que Ricardo ajudava a desenvolver e o fazia com muito afinco.

Em abril de 2016, estavam matriculadas 260 crianças, divididas entre as duas unidades. O atendimento era realizado em parceria com a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social de Bauru (SEBES).

O serviço de fortalecimento de vínculos era uma das inúmeras atividades desenvolvidas pela ONG Wise Madness. Para entender como a proposta surgiu e quais eram as atuações, fui conversar com Anderson Ricardo Mariano, um dos

A princípio os médicos diagnosticaram o caso como refluxo. Após seis meses de tratamento, os sintomas se intensificavam e, em junho do mesmo ano, Ágata começou a apresentar fraqueza e dificuldades para andar. No dia 15 do mesmo mês, após a realização de uma tomografia, a neoplasia foi constatada e a menina encaminhada a um centro cirúrgico de Botucatu, cidade paulista próxima a Bauru.

Essa foi uma das semanas mais difíceis para sua família. Ágata ficou em coma induzido por cinco dias e registrou convulsão. Os médicos, então, optaram por entubá-la e realizar uma traqueostomia.

Mesmo após os procedimentos, o quadro somente piorava, com uma pneumonia seguida de outra. Para agravar a situação, Bauru não tinha o suporte necessário para o tratamento, razão pelo quê os pais decidiram acatar a recomendação médica e mantê-la em Botucatu. A família, então, permaneceu lutando e deslocando-se diariamente de uma cidade a outra.

Ainda em Botucatu, Ágata foi transferida para o Hospital das Clínicas da Unesp de Botucatu, por conta do especialista em neurocirurgia pediátrica. Sem perspectiva de alta médica, ela passou a morar na unidade hospitalar, onde sofreu mais 12 cirurgias.

Por conta das circunstâncias, Ítalo não pensou duas vezes e pediu demissão do emprego como gerente de uma rede de fast food. Ele queria viver integralmente para dar suporte a sua família e estar presente em todos os momentos do tratamento de sua filha mais velha.

O que ele mais desejava era fazê-la sorrir e, ainda que por um breve momento, fazer com que ela se esquecesse de onde estava e o que ainda haveria de enfrentar. Nessa época, o itinerário de viagem Bauru-Botucatu já era mais comum que o próprio caminho para sua casa.

Foi nesse momento que a família passou a ter problemas financeiros. Com um trabalho a menos e muitas despesas a mais, eles começaram a precisar de doações e eventos beneficentes para se sustentar e pagar as viagens até

O nascimento de uma estrela

Botucatu.

Aos poucos, uma enorme corrente humanitária em torno deles foi sendo formada.

“Você deixou um cartão e a gente precisa de ajuda.”. Esta foi a frase que a jornalista Ester Parreira recebeu em seu celular, dias após conhecer a mãe da Ágata em um bazar beneficente em prol da família.

Foi lá que Ester, acompanhada de sua amiga e parceira de trabalho Rose Araújo, logo notaram que a família estava com dificuldades para gerir o evento. Havia uma desproporção entre a quantidade de produtos oferecidos e as pessoas que de fato os compravam. Devido à experiência adquirida na área jornalística, as duas sabiam que poderiam ajudar a atrair mais colaboradores, usando a ferramenta mais poderosa que tinham: a comunicação.

A situação pela qual a família de Ágata estava passando já havia sido vivenciada, cada uma à sua maneira, por Ester e Rose.

Ester foi diagnosticada com câncer de mama em 2002. O tratamento não foi fácil, mas ela conseguiu superar a doença, encontrando ainda mais energia para se engajar no trabalho e em ações ligadas ao câncer. Foi assim que, no bazar, resolveu oferecer apoio à família, pois conhecia o caminho árduo pelo qual Ágata e os parentes enfrentavam.

Tal como Ester, Rose Araújo, profissional do ramo jornalístico, participou ativamente de todos os eventos e esteve muito próxima da família. O envolvimento sincero foi um dos reflexos decorrentes do problema vivido por Rose anos antes.

De forma similar à Eloana, Rose viu sua pequena e amada filha, Luiza, aos 6 anos de idade, ser diagnosticada com câncer. A doença foi constatada por meios de exames, após a reclamação de fortes dores na barriga. Naquela ocasião, o tumor já havia tomado cerca de 2/3 de um dos rins de sua filha.

A inocência de sua filha lutando contra o câncer a inspirou de tal forma que Rose já não conseguia mais olhar para o lado ruim das situações. Sabia que tinha uma escolha: ou passar os dias lamentando pelo ocorrido ou ver as coisas



Sábia loucura

Falar de loucura e sabedoria em uma mesma frase parece impossível, não é mesmo? Mas um grupo da cidade de Bauru conseguiu realizar essa impossível missão ao unir os dois opostos para transmitir mensagem aos jovens de maneira simples e impactante.

É a ONG Wise Madness, cuja receita envolve arte, lições de vida e incentivo aos jovens para que se afastem daquilo que corrompe a sociedade: má educação, drogas e violência.

O nome da organização, cuja tradução literal significa “sábua loucura”, é inspirado na ideia de falar sobre a loucura que é a vida dos jovens e de como podem ser sábios em suas escolhas.

Em busca de conhecer mais sobre essa loucura que atraía e mudava a vida de tantos jovens e crianças de Bauru em 2016, fui atrás dos “loucos” que idealizaram e integravam o projeto.

O nascimento de uma estrela

positivas e fazer de tudo para que Luiza enfrentasse o que viria pela frente com o melhor ânimo possível.

Na época dessa entrevista, Luiza havia completado 11 anos de idade e recebido alta médica. Como efeito, Rose teve sua visão de mundo totalmente transformada, sentindo forte necessidade em ser mais solidária e ajudar outras pessoas a enfrentarem o que ela mesma havia encarado. Ao se deparar co Eloana, a vontade em ajudar foi iminente.

Rose e Ester, então, se aproximaram da mãe da Ágata. Se apresentaram e deixaram um cartão de visita, colocando-se à disposição para auxiliar no que a família precisasse, até mesmo organizar eventos semelhantes de uma maneira mais efetiva. Eloana recebeu de bom grado a ajuda oferecida e entrou em contato.

Após receber a mensagem, Ester e Rose não mediram esforços para cumprir sua palavra. Levaram história de Ágata para dentro da sala de reunião de pauta da agência de comunicação da qual fazem parte e a equipe logo pensou em alternativas para que a situação da família alcançasse uma maior visibilidade. Dessa forma surgiu a ideia da página no Facebook intitulada “1 minuto pela Ágata”.

O trabalho desenvolvido pela equipe foi muito mais do que só ajuda financeira. O conceito era de que as pessoas fizessem um minuto de oração, um minuto para pensar no próximo, um minuto basta. Em menos de uma semana, a fan page conseguiu 2 mil curtidas e diversas pessoas se mobilizaram.

Além de uma equipe empenhada, a dupla contou com o apoio de diversos parceiros, como gráficas, empresas de outdoor, praticamente todas as academias da cidade, além de jornais e outros veículos de comunicação, para a realização desta intensa ação em prol da menina Ágata.

Elisângela Parreira, publicitária e irmã de Ester, foi uma das responsáveis pela criação do logo e layout da página, cujo slogan era “o amor que ultrapassa barreiras”.

Com essa rede de colaboradores e o conceito de comunicação criados,



O nascimento de uma estrela

diversos eventos foram organizados. Um deles, o “Zumba Solidária”, reuniu cerca de mil pessoas em um ginásio de esportes da cidade de Bauru. Os atos refletiram o impacto positivo que um planejamento de comunicação, exercido de maneira correta, consegue atingir.

Durante a campanha para ajudar Ágata, a história da menina mudou a vida de muita gente, imbuíu tantos outros de fé, motivando o auxílio ao próximo.

O desejo de todos os envolvidos era de que a história da Ágata terminasse feliz. Contudo, na noite do dia 17 de outubro de 2015, ela se foi, após lutar bravamente contra o seu maior inimigo. O câncer havia voltado e de uma forma ainda mais agressiva, piorando seu quadro de saúde até o momento em que suas forças se esvaíram.

Hoje Ítalo e Eloana sentem um vazio que jamais será preenchido ou substituído. É uma cicatriz eterna em seus corações. No entanto, para eles, as lembranças que ficam são como um bálsamo, que traz o conforto e uma saudade que mistura a tristeza de sua partida com a alegria de sua chegada.

Eloana se lembra todos os dias de como Ágata gostava de dançar e adorava acompanhá-la nas aulas de zumba, das vezes que assistiam ao filme favorito e das eternas declarações de amor, desenhos e depoimentos que ela tanto gostava de escrever em seu diário. Outra lembrança é de Ágata cuidando dos dois irmãos caçulas. Protetora, sempre os defendia, ensinando-os coisas novas.

Essas são marcas de uma estrela. A luz de Ágata ainda será vista por muitos e muitos anos. É o que deseja Eloana, que optou por transformar suas lágrimas em solidariedade a outras pessoas, em preencher o vazio dentro de si com amor, por meio de campanhas voltadas a pacientes com câncer e familiares. Seu projeto atual é abrir uma ONG para poder amparar famílias cujas crianças enfrentam o câncer.

De fato, a pequena estrela Ágata deixou muitos rastros de amor.